

EFSTATHIOS TSOTSOS

O EVANGELHO NA MACEDÔNIA
A INFLUÊNCIA DO MUNDO HELLENISTICO PARA A PREPARAÇÃO DA
PLENITUDE DO TEMPO

Monografia apresentada para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do curso Bacharel em Teologia, ministrada pela professora Marivete Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

IJUÍ

Agosto de 2015

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

O EVANGELHO NA MACEDÔNIA

**A INFLUÊNCIA DO MUNDO HELLENISTICO PARA A PREPARAÇÃO DA
PLENITUDE DO TEMPO**

Autor: **Efstathios Tsotsos**

Orientador de Conteúdo: **Hariet W. Krüger**

Avaliador de Forma: **Josemar Valdir Modes**

Avaliador de Português: **Luciano G. Soares**

Avaliador Final: **Josemar Valdir Modes**

Média Final

Aprovada em ___/___/___

Ijuí
02/01/2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar de tudo, quero agradecer o meu Pai Celeste, e meu Senhor Jesus Cristo, com todo o meu ser, por tudo que tem feito na minha vida. Qualquer palavra que fosse dita, não é capaz para expressar aquilo que Deus fez, não apenas esses quatro anos acadêmicos, mas em toda a minha caminhada com Ele. Dou glória e honra o único Deus, Senhor Jesus, que fica sempre ao meu lado, esforçando-me pelo poder do seu Espírito Santo.

A minha amada, esposa e companheira Paraskevi, que os últimos 25 anos caminhamos juntos esse caminho da fé pelo seu amor e paciência, me seguiu nessa viagem longa no Brasil, me encorajou e me ajudou de muitas maneiras para chegar até ao fim dessa etapa.

Estou grato a Deus pelos meus pais, que me cresceram com valores bíblicos, me apoiaram com muito carinho e me abençoaram para cumprir aquilo que Deus colocou no meu coração. Eu agradeço-lhes por tudo, e lhes dedico essa obra com muito respeito e amor.

Agradeço a todos os meus irmãos em Cristo, e os líderes da minha igreja Metamorfose da Tessalônica, onde “nasci” de novo, pela disciplina e ensinamentos que eu recebi logo nos meus primeiros passos na fé, e pelas suas orações que me seguem sempre.

Ao meu tio amado Zisis, o qual me inspirou com princípios valorosos, e a sua família abençoada em Panambi, que me ajudou, me apoiou e me influenciou para conseguir alcançar o meu alvo.

Agradeço também a toda a família da Faculdade Batista Pioneira. Aos meus professores, esses quatro anos de ensinamentos preciosos, e especialmente a minha orientadora, Harriet W. Krüger, pela sua ajuda, não apenas nesse trabalho, mas também durante todo o curso. Todos os meus colegas, que, como uma equipe unida, lutamos juntos nessa etapa acadêmica.

Dedico essa obra, a minha cidade Tessalônica, que nesse ano, fim de 2015, completa 2330 anos da sua fundação. A história dessa cidade, onde eu cresci, me influenciou para fazer essa pesquisa. Estou grato ao Senhor Jesus, que pela sua misericórdia e sua graça, enviou o seu apóstolo escolhido, Paulo, à minha cidade, para resplandecer a luz do seu Evangelho.

RESUMO

O presente trabalho é uma tentativa de aproximar mais os fatos históricos que aconteceram no período entre o Antigo e o Novo Testamento. A fonte inicial desse assunto é o livro de Daniel, onde o profeta, através de visões e sonhos, tem uma revelação de Deus, sobre os diferentes domínios humanos antes da vinda e do nascimento de Jesus, bem como o estabelecimento do Seu domínio na terra, que é a Sua igreja. Apesar de o livro de Daniel ser considerado como literatura apocalíptica, mostra o plano divino de Deus, segundo o qual os vários poderes e as autoridades humanas cumprem o seu propósito, isto é, a salvação do homem da sua queda e a restauração todo o mundo. A obra estará dividida em três capítulos. O primeiro apresentará a profecia de Daniel, dos capítulos oito até onze, através de dados históricos, a sua vida e as suas visões. No segundo capítulo serão abordadas as interpretações das visões, principalmente as referidas nos capítulos escritos anteriormente. No terceiro capítulo o autor vai apresentar como foi cumprida a profecia messiânica de Daniel, através da preparação do tempo, e dos fatos históricos mencionados na profecia. É muito importante reconhecer que tudo que o aconteceu antes de nascimento de Jesus Cristo, era providência divina, que apontava na restauração do mundo, no ponto crucial da humanidade, na vinda do Filho de Deus, Jesus Cristo, único Salvador e Redentor.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
----------------------------	----------

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	6

I – A PROFECIA DE DANIEL

1.1 Dados Históricos	9
1.2 Descrição das Profecias	12
1.3 Reação Física e Lutas.....	16

II – A INTERPRETAÇÃO DAS PROFECIAS

2.1 O Carneiro e o Bode.....	21
2.2 O Homem vestido de linho	25
2.3 Os Reis do Sul e do Norte (Cap. 11)	28

III – A PROFECIA MESSIÂNICA DE DANIEL CUMPRIDA NA PLENITUDE DOS TEMPOS

3.1 Ambiente Cultural	31
3.2 O Mundo Político.....	34
3.2.1 Alexandre o Grande.....	34
3.2.2 Sucessores de Alexandre e a Dispersão Helenística.	36
3.2.3 Domínio Romano (Província Macedônia)	40
3.3 A Expansão do Evangelho	43

CONCLUSÃO.....	49
-----------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
----------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Esta monografia resultou de um interesse pessoal do autor, de descrever e organizar os acontecimentos e os atos históricos que decorreram durante o período entre os dois testamentos bíblicos, e especialmente o referido como helenístico.¹ Depois disto, como chegou o Evangelho de Jesus Cristo à sede e território de onde começou esse período, na Macedônia. O autor levantou esse assunto por duas razões. De um lado, ele mesmo é oriundo da Macedônia,² região que faz parte da Grécia no norte, cresceu num lugar de onde a passagem do apóstolo dos gentios, Paulo, marcou o término de uma era e o começo de uma nova, isto é, o abandono da idolatria e a conversão ao cristianismo. Por outro lado, viveu no lugar onde nasceu Alexandre o Grande, o personagem mais destacado da história da Antiguidade, de onde, com ordem divina, contribuiu para o preparo do cristianismo.

O ponto central da história da humanidade, a culminância do amor infinito de Deus, é a vinda a terra do Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Ele, com a Sua livre condescendência, "... libertou-nos do império das trevas e nos transportou no Seu Reino, e no qual temos a redenção, a remissão dos pecados" (Cl 1.13-14). Deus, em toda da Sua sabedoria, desvendou o mistério da Sua vontade, no tempo definido, tudo que tinha planejado e enfim foi realizado por meio de Cristo (Ef 1.9-10). Falando ao passado do seu povo, através dos seus profetas, muitas vezes e de muitas maneiras, Deus, nos últimos dias, falou pelo Seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (Hb 1.1-2). Os textos bíblicos confirmam a direção de Deus em toda a história.³

Deus dirigia os profetas, para indagar e inquirir sobre o tempo da salvação, "investigado atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes à

¹ O primeiro que veio a ser o descobridor do período da expansão mundial grega, é o grande historiador alemão, Johan Gustav Droysen (1808-1884). Ele percebeu o valor e a importância do período helenístico a sua obra histórica (*Geschichte des Hellenismus 1836-1845*), ele escreve que, sem esta evolução pós-clássica da cultura grega, a ascensão de uma religião mundial cristã teria sido impossível. JAEGER, W. Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega. p. 16

² A Macedônia histórica e bíblica é a mesma região atual, que pertence à Grécia, e não deve ser confundida com o Estado formado depois da divisão da Jugoslávia em 1992. Esse Estado é reconhecido na organização de ONU como nome provisório F.Y.R.O.M. O historiador da antiguidade Heródoto relata que os macedônios eram ligados ao tronco *helênico* pelo ramo dórico, e falavam a mesma língua com eles, tinham os mesmos costumes e adoravam os mesmos deuses. <http://makedonia.e-e.gr>, Dogas, Δογας, M. Θησαυρος Μακεδονων. π. 69

³ As citações nos textos Bíblicos foram tiradas da Bíblia Vida Nova.

Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam” (1Pe 1.10-11). No dia de Pentecostes, e com a vinda do Espírito Santo nasceu a igreja, que começou de forma “centrífuga”, anunciando ao mundo as boas novas, a mensagem da salvação, a qual os “anjos também anelariam perscrutar” (1Pe 1.12). Mas Deus não escolheu qualquer tempo, por acaso, para “entrar” na história humana, através da encarnação do seu Filho. Mas, “Quando vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei...” (Gl 4.4). Essa intervenção de Deus na história humana é uma revelação, e, como escreve Cothenet, é um apocalipse que “situa-nos na corrente dos apocalípticos que, a partir do livro de Daniel, esforçam-se para decifrar o futuro por meio de visões; mas aqui o apocalipse não se abre ao futuro, mas à própria pessoa do Filho”.⁴

Com o término da voz profética no Antigo Testamento, cerca 400 anos a.C, depois do regresso dos judeus da Babilônia e a reconstrução do templo em Jerusalém, começa um longo período de quatro séculos, em que a Bíblia fica em silêncio. A Palestina e todo mundo conhecido, no período dos últimos profetas do Antigo Testamento, estava sob o domínio persa. Mas, na época de nascimento de Jesus, o poder e o domínio universal tinham passado aos romanos, que governavam o mundo com a sua divulgada paz, a chamada *Pax Romana*.

O que aconteceu nesse período chamado “intertestamentário”? Como entender o cumprimento da profecia de Daniel (cap. 8-11), através de fatos históricos, na expansão do Evangelho no mundo helenístico? Esta é a principal questão a ser estudada nesta monografia. A ela, somam-se outras: Como as ferramentas da cultura helenística influenciaram a preparação da chegada do Evangelho em todo mundo conhecido da época? Qual relação pode ter o principal personagem da era helenística, Alexandre o Grande, presente na profecia de Daniel, com o principal personagem da evangelização das nações, que é Paulo?

Tentando esclarecer estas questões, o presente trabalho aborda o livro de Daniel. Deus mostrou ao profeta, “um rápido esboço da história da humanidade. Cada nação, a partir do áureo império babilônico, foi um instrumento de coação às demais nações, para que, em

⁴ COTHENET, E. Paulo. Apóstolo e Escritor. p. 40

determinado tempo, os planos divinos fossem cumpridos”.⁵ A maior parte do período Intertestamentário ocupa-se do império grego, ou a expansão da civilização helenística, que predomina entre os povos e onde floresce o estudo da filosofia, das artes, da ciência, da literatura, tendo como veículo a língua grega. Mas o helenismo não estava identificado com um determinado país ou uma determinada língua. A sua essência não foi geográfica ou linguística, mas social e cultural.⁶ Através da filosofia, pensadores gregos foram levados a procurar Deus. E como Andrade escreve, “o exercício filosófico foi um instrumento usado pelo Todo-poderoso para preparar os gentios à aceitação do Evangelho”.⁷ Paulo escreveu aos Coríntios, “Porque, tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria” (1Co 1.22).

O Evangelho chegou à Macedônia e à Grécia continental, com as mesmas ferramentas e no mesmo caminho em que a civilização helenística foi expandida no Oriente, através de Alexandre o Grande, o qual levou a língua e a cultura que sustentou na expansão da Palavra de Deus. Paulo, escolhido “apóstolo” de Deus, que conhecia o pensamento e a literatura dos gregos, usou a fala grega para expressar as palavras e os ensinamentos de Jesus, “muitos dos quais se baseavam nas crenças do Antigo Testamento, completamente estranhos aos gentios, de uma forma que os religiosos pagãos pudessem compreender”.⁸ Ele foi dirigido com o poder, a *dynamis* do Espírito Santo, para trazer a mensagem da salvação às nações; num mundo preparado para ouvir e conhecer entre de dezenas deuses, o verdadeiro Deus.

⁵ CLAUDIONOR, A. Paulo em Atenas. p. 147-148

⁶ TOYNBEE, J. A. Helenismo. História de uma Civilização. p. 19

⁷ CLAUDIONOR, A. p. 148

⁸ SHELLEY, L. B. História do Cristianismo. p. 23

I – A PROFECIA DE DANIEL

1.1 Dados Históricos

Daniel era o profeta que foi mencionado de próprio Jesus (Mt 24.15), o jovem íntegro e sábio cujo ministério na Babilônia foi predito ao rei Ezequias pelo profeta Isaías (Is 39.7). Daniel foi contemporâneo dos profetas Jeremias (Jr 1.2-3) e Ezequiel (Ez 1.1-3). Nasceu no período do reinado de Josias, rei que fez a grande reforma no reino de Judá. Josias derrubou os altares dedicados ao deus Baal, quebrou os altares de incenso que estavam em cima deles (2Cr 34.4). Ele ainda destruiu os quartos do templo onde ficavam os prostitutas (2Rs 23.7). Reconduziu a adoração ao Deus dos seus antepassados e, através de Hilquias, achou o livro da Lei de Moisés que foi posto em prática. Essa descoberta da Lei foi para o rei Josias um choque: a *Torah*, a aliança de Deus com Moisés e Israel, estava desaparecida, esquecida de vida cotidiana do povo. Josias arrependeu-se, humilhou-se e pediu de Deus perdoar o seu povo (2Cr 19-21).

A virtude de Josias, a respeito do renascimento religioso de Israel, influenciou muito a vida de Daniel e outros jovens, que queriam viver com fé no verdadeiro Deus, num lugar que estava “seco” da pregação da Palavra do Senhor. Shreiner escreve sobre Josias: “na sua obra de reforma progressiva e nos seus esforços para restaurar o Israel dos tempos de Davi, unindo as tribos do norte e as do sul, pode tirar proveito da situação política externa, desafogada com a rápida decadência do grande império assírio”.⁹

Nessa situação nasceu e cresceu Daniel, bem como seus contemporâneos Jeremias e Ezequiel, sendo ensinados a cumprir a Lei de Deus na sua vida. Daniel foi exilado junto com outros jovens nobres, no primeiro combate dos três que precederam da queda de Jerusalém, com os babilônios e o seu rei Nabucodonosor. Baldwin descreve três fases da queda de Jerusalém, em 605, 597 e 587 a.C., das quais somente a primeira fase é mencionada no livro de Daniel, em 605 a.C. A segunda e a terceira são registradas na história¹⁰. O fato é que Daniel foi ao cativeiro na Babilônia, jovem, vivendo na corte do

⁹ SHREINER J. Palavra e Mensagem do Antigo Testamento, p. 243

¹⁰ BALDWIN G. J. Daniel Introdução e Comentário, p. 82.

palácio em Jerusalém, crescendo sob os princípios da Lei de Moises e desejando manter essa virtude num ambiente hostil e idólatra na Babilônia.

Desde o início do seu cativeiro na Babilônia, Daniel decidiu que não ficar impuro, comendo e bebendo da mesa do rei Nabucodonosor, que ordenou a Aspenaz, o chefe dos serviços do seu palácio, que escolhesse dentre os prisioneiros israelitas, os jovens que pertenciam à família do rei e também às famílias nobres. Todos eles deviam ter boa aparência e não ter nenhum defeito físico; deviam ter discernimento, ser instruídos e capazes de servir no palácio do rei (Dn v.4). Isso não aconteceu por acaso. Desde o reinado de Ezequias, quando ele estava doente, vieram da Babilônia os representantes do rei Merodaque-Baladã com presentes, possivelmente para fazer acordo, contra o seu inimigo comum, que eram os Assírios (2Rs 20 12-13). Talvez viessem para aprender sobre o milagre que tinha acontecido em Ezequias e a sua doença, e ficaram muitos impressionados (2Cr 32.31). Ezequias recebeu bem os mensageiros babilônios, e mostrou todo o tesouro, os seus perfumes preciosos e as armas do seu exército. Abriu todos os seus depósitos com os seus bens viáveis em todo o seu reino. Ele ficou orgulhoso com tanta abundância de bens e com a fortuna no seu palácio. Os babilônios provavelmente não esqueceram essa riqueza e a estrutura de todo do palácio. Essa virtude de Ezequias, de mostrar totalmente todo o tesouro que existia no templo aos babilônios, custou-lhe a severa repreensão do profeta Isaías, que foi cumprida cem anos depois. Com o exílio na Babilônia, os judeus não tinham somente perdas de vidas, mas uma grande perda financeira, porque os templos na Antiguidade eram depósitos de tesouros também.¹¹

Daniel foi o principal personagem que influenciou os seus três companheiros jovens, para não ficarem impuros vivendo no palácio do rei Nabucodonosor. Três anos era muito tempo para os jovens, crescendo em ambiente que adorava deuses falsos, para manter a sua fé e a sua adoração no verdadeiro Deus dos seus antepassados. Foi uma prova muita séria e difícil para a sua juventude, e sem a presença de Deus seria impossível permanecerem fiéis, sem influência das crenças dos babilônios. Como Wiersbe escreve:

...pois esses quatro rapazes judeus dedicados teriam de se adaptar aos costumes e ao modo de pensar babilônios. O propósito desse “curso” era

¹¹ CHAMPLIN N. R. O Antigo Testamento Interpretado. p. 3373

transformar judeus em babilônios, e isso significava não apenas uma nova terra, mas também novos nomes, novos costumes, novas idéias e uma nova língua. Durante três anos, seus mestres babilônios tentariam fazer uma “lavagem cerebral” nos quatro jovens e ensiná-los a pensar e a viver como babilônios.¹²

Aspenaz, o chefe dos serviços do palácio, trocou os nomes dos quatro jovens, e lhes deu nomes dos seus deuses. Lopes escreve que “entre os hebreus, o nome era resultado de uma experiência com Deus. Todos os quatro jovens judeus tinham nomes ligados a Deus”.¹³ A troca dos nomes de Abrão para Abraão (Gn 17.5), e de Jacó para Israel (Gn. 32.29), são exemplos da ligação e da autoridade de Deus sobre o indivíduo. Mas para Daniel essa troca do nome não mudou sua decisão de permanecer fiel cheio de amor e confiança em seu Deus Salvador. Não obstante que a Babilônia, trocou os seus nomes, não conseguiu mudar os seus corações, porque eles perceberam que a batalha era da mente, para conservar a firmeza da fé; assim eles não permitiram o ambiente e as pressões que sofreram ditassem a sua conduta.¹⁴

Daniel, confiando no Deus verdadeiro, pediu um favor a Aspenaz: eximi-lo da obrigação de cumprir a ordem do rei. Isto significava um grande risco para Aspenaz, caso permitisse o desejo do Daniel, e para si e para o próprio Daniel. Deus fez com que Aspenaz fosse bondoso com Daniel e tivesse boa vontade para ele. Daniel tinha plena confiança em Deus, que Ele libertar-lhe-ia dessa prova. Daniel e os três jovens mostraram um espírito manso e pacífico, e viram esse desafio como uma oportunidade para glorificar Deus. Os quatro aprendizes judeus se destacaram em seus estudos e agiram como homens honrados.¹⁵

Deus recompensou esta postura de fidelidade dos quatro jovens, e lhes deu conhecimento profundo dos escritos e das ciências dos babilônios. Mas a Daniel deu também o dom de explicar visões e sonhos. Isto apenas aponta, antecipando-se à narrativa que vem a seguir, o destaque de Daniel como agente da revelação.¹⁶ A impressionante sabedoria de Daniel fez o profeta Ezequiel mencionar Daniel na sua profecia sobre o rei de Tiro (Ez 28.3). Provavelmente tinham aprendido na sua terra estudar a Lei do Senhor, obedecer a Sua

¹² WIERSBE W. W. Proféticos. Comentário Bíblico Expositivo. p. 309

¹³ LOPES, D. H. Daniel. Um homem amado no céu. p. 35

¹⁴ LOPES, D. H. p. 35-36

¹⁵ WIERSBE, W.W. p. 311

¹⁶ PFEIFER, F. C. Comentário Bíblico. Moody. Vol.1. p. 1092

Palavra, orando individualmente e em grupo. Agora, numa terra hostil e idólatra, o Senhor o deu a oportunidade de orar todos juntos, para que Deus os libertasse da ordem de rei.

Wallace escreve sobre isso:

Deve ter havido algum tipo de adoração e ensino em comunidade por trás da vida destas jovens testemunhas leigas, e é óbvio, a partir dos três primeiros capítulos de Daniel, que de certa forma eles praticavam religião em grupo. Eles fortaleciam-se ao discutir, orar estudar e decidir juntos na comunhão de uma pequena “célula” de crentes. Isto ajuda a explicar o poder do seu testemunho solitário, quando tiveram que dá-lo. É quase impossível para qualquer um manter uma fé vital com Deus e um forte testemunho no seu modo de vida, sem a força, sem a sabedoria, e sem a comunhão que provêm de uma comunidade.¹⁷

Depois de dez dias na prova, comendo só legumes e bebendo água, Daniel e os seus três companheiros foram apresentados ao rei Nabucodonosor. Eles ficaram dez vezes mais inteligentes que os magos e astrólogos do seu reino, tendo mais conhecimento em qualquer pergunta que o rei fazia (Dn 1.20). Daniel, com a sua decisão de se manter fiel a seu Deus, demonstrou que a fé e a obediência ao Senhor Deus, é independente das ocasiões. Claro que tinha agora em frente, um ministério no palácio, trabalhando com os sábios e os feiticeiros pagãos, mas com a sua aprovação mostrou que estava pronto para dar a sua própria vida pela sua fé. Como Wiersbe escreve, “ao compreender a mentalidade dos babilônios, especialmente dos magos, dos encantadores, dos feiticeiros e dos caldeus (Dn 2.2), Daniel e seus amigos tornaram-se mais aptos a mostrar a superioridade da sabedoria de Deus”.¹⁸

1.2 Descrição das Profecias

A primeira parte do livro de Daniel, dos capítulos um até seis, inclui os atos históricos que aconteceram na vida de Daniel e seus companheiros no exílio da Babilônia. A segunda parte, dos capítulos sete até doze, tem como conteúdo as visões de Daniel sobre os reinos que surgiram depois do reino babilônico até a primeira vinda de Jesus. As mensagens que Deus tem dado em Daniel são através de sonhos e visões, em que o profeta ficou preocupado e

¹⁷ WALLACE S. R. *A Mensagem de Daniel*. p. 27-28

¹⁸ WIERSBE W. W. *Proféticos. Comentário Bíblico Expositivo*. p. 312.

passou vários dias abatido e doente, tentando compreendê-las (Dn 8.27). Segundo Shreiner, as narrações devem ser vistas em relação às visões, cuja mensagem já anunciam: Deus depõe e entroniza os reis, dá sabedoria aos sábios e o conhecimento aos que entendem.¹⁹ “Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com Ele mora a luz” (Dn 2.22).

Muitos autores e estudiosos classificam o livro de Daniel como um estilo de literatura diferente dos outros livros proféticos, inserindo-a na literatura apocalíptica. Shreiner diz “no livro de Daniel (7-12) a apocalíptica atinge a sua primeira e única, mas, mesmo assim, elevada expressão no Antigo Testamento.”²⁰ Na sua obra, Lasor, Hubbard e Bush escrevem que “a profecia apocalíptica é dada em formas que devem ser compreendidas tanto no tempo como fora dele”.²¹ Esse nome de estilo apocalíptico foi dado posteriormente, nos anos da revolução dos macabeus no segundo século a.C. Wallace escreve sobre isso:

O livro de Daniel às vezes é classificado como livro apocalíptico, o que indica que compartilha da tradição do pensamento e do estilo da redação que recebem este nome. Já no século II a.C. ficou claro que a voz viva da profecia, que tinha inspirado a vida religiosa e moral em Israel, cessara completamente. Neste tempo apareceu, em seu lugar, uma nova série de escritos, todos com aspectos semelhantes na sua forma, na sua técnica, e no seu ponto de vista comum.²²

Com esse ponto de vista está observando que, na realidade, a literatura apocalíptica “começou durante do exílio dos judeus na Babilônia, quando eles não tinham mais um governante local”.²³ Como o padre ShigeyuKi diz “a idéia principal da literatura apocalíptica é que, apesar de todo sofrimento, Deus é o senhor da situação e podemos confiar na vitória final”.²⁴ Daniel, no seu livro, aparece mais que um sábio, que pode interpretar sonhos do rei, pois, através da revelação de Deus, recebe a mensagem diretamente de Senhor. Lasor,

¹⁹ SHREINER J. Palavra e Mensagem do Antigo Testamento. p. 427

²⁰ SHREINER J. p. 433

²¹ LASOR W. HUBBARD D. BUSH F. Introdução ao Antigo Testamento. p. 621

²² WALLACE S. R. A Mensagem de Daniel. p. 13

²³ Coleção Grandes Heróis Bíblicos. Profetas. p. 92

²⁴ Coleção Grandes Heróis Bíblicos. Profetas. p. 92

Hubbard e Bush escrevem que “a dupla verdade anunciada por Daniel é (1) o Altíssimo reina, e (2) seus santos um dia herdarão um reino que jamais será destruído”.²⁵

As profecias de Daniel, as visões e as suas interpretações começam no capítulo sete, com a primeira visão sobre os reinos cósmicos, seculares do mundo e o reino de Deus. Essa visão deve estar ligada com o sonho de Nabucodonosor (Dn 2), sobre a estátua e a pedra. Edward Young diz que o capítulo sete de Daniel trata do mesmo assunto que foi tratado no capítulo dois. Ele afirma que esses dois capítulos são paralelos.²⁶ Gilberto faz uma distinção estreita, dizendo que “no capítulo dois, por meio de Nabucodonosor, Deus revelou o lado político desses últimos impérios mundiais. A Daniel, nesse capítulo, Deus revelou o lado moral e espiritual através de quatro bestas”.²⁷

O conteúdo da segunda parte do livro, dos capítulos sete até doze, incluem quatro visões. José Sélío as divide como, “a primeira e a segunda delas se dão no primeiro e no terceiro ano do rei Belsazar, respectivamente (7.1; 8.1); a terceira ocorre no primeiro ano de Dario, o medo (9.1) e a quarta no terceiro ano de Ciro (10.1)”.²⁸ Segundo Almeida, “podemos dizer a visão ou as visões; porque o assunto é um só e o conjunto das partes é perfeito; mas ao mesmo tempo, as partes que o constituem foram vistas parcelamente”.²⁹ No capítulo sete fica a primeira visão de Daniel. Cronologicamente, foi vista antes da história da “escrita estranha” que o rei Belsazar viu, contada no capítulo cinco. Daniel começa contar as visões e falar agora na primeira pessoa. Observa-se uma mudança no conteúdo que continua até o fim do livro no capítulo doze. Baldwin escreve sobre essa mudança:

a mudança no conteúdo fica aparente imediatamente. Enquanto os capítulos anteriores são narrados incidentes em forma de histórias, usando predominantemente a terceira pessoa, agora Daniel relata experiências vindas a ele pessoalmente através de visões em sonhos. Pela própria natureza do caso, tais experiências não estão sujeitas à verificação; questões históricas não aparecem mais, ao menos na forma em que são levantadas nos capítulos 1-6. Em vez disso, o leitor é confrontado com símbolos e alusões misteriosas, expressões e números enigmáticos, que

²⁵ LASOR W. HUBBARD D. BUSH F. Introdução ao Antigo Testamento. p. 621

²⁶ LOPES D. H. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 89

²⁷ GILBERTO A. Daniel e Apocalipse. p. 45

²⁸ SELIO J. A. Os profetas Maiores (II). p. 283

²⁹ ALMEIDA A. O Livro de Daniel. p. 49

têm deixado perplexos os intérpretes através dos tempos, dando lugar a vários esquemas diferentes de interpretação.³⁰

Na primeira visão no capítulo sete, Deus “abre a cortina do tempo” em Daniel, para ver os reinos seculares, os impérios que vão seguir do reino babilônico, em que Daniel vive como governante e sábio conselheiro no palácio do rei. Deus revela nele, um filho “mui amado”, através dos reinos humanos, o seu plano salvífico e o seu Reino eterno. Wallace escreve que “Daniel foi informado de que os quatro animais que vira subindo do mar eram “quatro reis, que se levantarão da terra” (v.17).³¹ Os quatro impérios, mencionados (vs 1-8), apresentam-se como quatro animais com uma aparência de feras. Os três têm uma aparência de um leão, de um urso, de um leopardo e o último tem um aspecto desconhecido, uma besta terrível. Nos versículos 9 a 14, Daniel olha e vê Deus, “O Ancião de Dias” (v 9,13,22) assentado no trono, e o “Filho de Homem” chegando através das nuvens e foi dirigido à presença de Deus (v.13). Parece que Deus mostra ao seu profeta “mui amado”, com uma forma extraordinária, a “ascensão” do Seu Filho amado, Jesus Cristo (At 1.9), que chega ao Seu trono, para estivesse para sempre à Sua destra (At 7.55-56).

No capítulo oito, Daniel tem a segunda sua visão, e a sua interpretação através do arcanjo Gabriel. Esse capítulo é paralelo dos capítulos dois e sete, e o seu interesse esta centralizado no segundo reino, que indica a Pérsia, e no terceiro reino que indica a Grécia. Segundo Champlin, “o carneiro com dois chifres era o império medo-persa (v 20), sendo que o avanço dos persas foi irresistível. O bode vindo do Ocidente era Alexandre, o Grande (v 21) que derrubou o império persa”.³² Baldwin escreve que “no capítulo oito, o escopo menos abrangente é indicado pelo fato de somente dois animais aparecerem na visão, cujo local é Susã, a antiga capital de Elão, destinada a se tornar uma das grandes cidades do império persa (Ne 1.1).³³ Nesse capítulo parece que dá mais ênfase aos dois impérios seguintes do império babilônico onde vivia o Daniel.

O capítulo nove inclui uma oração de Daniel que foi oferecida a Deus, depois da leitura da profecia de Jeremias, sobre os setenta anos, que Daniel tentava compreender (Je 25 11-12).

³⁰ BALDWIN G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 144

³¹ WALLACE S. R. A Mensagem de Daniel. p. 134

³² CHAMPLIN N. R. O Antigo Testamento Interpretado. Versículo por Versículo. p. 3410

³³ BALDWIN G. J. p. 164

“Consciente de que o período de semanas estava para terminar, Daniel orou a Deus, confessando seus pecados e os pecados de seu povo. Ele pediu que agisse sem mais demora (v 9.19)”.³⁴ Baldwin escreve sobre essa oração de Daniel, já que depois do “cálculo” dos anos da profecia, “ele tomou o propósito de se preparar, por meio de jejum, para um período de oração específica por todo o Israel, espalhado como estava em vários países diferentes”.³⁵ Em consequência da sua oração e súplica, Deus envia o anjo Gabriel para explicar aquilo que Daniel havia lido no livro de Jeremias. É a resposta de Deus ao seu “filho muito amado”. Lopes diz que “finalmente, Daniel, no capítulo, recebe uma grande revelação, acerca das setenta semanas que haveriam de vir sobre seu povo”.³⁶

Os capítulos dez e onze compõem uma unidade, e junto com o último capítulo (doze) relatam os “fins dos tempos”, os acontecimentos difíceis e sofridos do povo Israel. Gilberto escreve que, “estes três capítulos finais de Daniel revelam a culminância da crescente experiência espiritual do profeta, a qual é para todos nós um chamamento para uma vida profunda com Deus”.³⁷ Daniel, preocupado mais uma vez para o seu povo, começa um novo período de jejum e oração, pedindo para Deus agir de novo. O sábio Daniel, não está gozando dos benefícios que ele ganhou servindo o rei babilônico. Mas ele “sofre para o seu povo”, derrama lágrimas e pedindo de Deus mostrá-lo que vai acontecer no futuro. Ele já tem idade avançada, vivendo com o novo rei Ciro e o seu império persa. Ciro, no seu primeiro ano, como rei em Babilônia, enviou o decreto que permitia aos judeus voltarem para Jerusalém e reconstruírem o templo (Ed 1.1-3).

1.3 Reação Física e Lutas

Daniel é um exemplo de lutador, enfrentando batalhas em qualquer situação e problemas onde estiver. Seu único defensor é Deus, o seu Salvador. Confia nele desde a sua infância, ora diariamente com fervor e fica firme na sua fé, mesmo como escravo numa terra estrangeira e idólatra. Dever escreve sobre a sobrevivência de Daniel num ambiente árido e perigoso para perder a sua fé:

³⁴ LASOR W. HUBBARD D. BUSH F. Introdução ao Antigo Testamento. p. 631

³⁵ BALDWIN G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 172

³⁶ LOPES D. H. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 117

³⁷ GILBERTO A. Daniel e Apocalipse. p. 69

Nesse livro, Daniel sobrevive à deportação para a Babilônia, ao reinado de Nabucodonosor, de Belsazar, de Dario o medo, e de Ciro o persa (v 6.28). Sai ileso a tudo, da crise sobre comer o alimento do rei, no capítulo um, até a de ser lançado à cova dos leões, no capítulo seis. Ele escapa até o fim do império Babilônio, quando os persas entram lá. E tenho certeza de que houve mais crises além dessas, das quais não temos registro.³⁸

O livro começa já com a primeira grande luta de Daniel; deportado na grande cidade de Babilônia, jovem sem saber que vai acontecer em relação com a sua sobrevivência. Como vai agir? Como ficar firme em seu Deus, e na educação religiosa que ele recebeu na sua pátria? Almeida escreve que a regra estabelecida de Paulo é “não vos conformeis com este mundo” (Rm 12.2). Mas, isso não significa rebelião contra as autoridades que o regem. “Temos de agir com a mesma firmeza e com a mesma prudência e acatamento com que Daniel triunfou antes da primeira prova em Babilônia”.³⁹ Nessa luta Daniel decidiu não passar sozinho. Com os outros três jovens, seus companheiros, entraram juntos em comunhão com seu Deus. Melhor passar uma luta com os seus irmãos, de ficar sozinho. Isso os deu a oportunidade apoiar um de outro. Isso fica claro em Wallace que escreve:

Deve ter havido algum tipo de adoração e ensino em comunidade por trás de vida destas jovens testemunhas leigas, e é óbvio a partir dos três primeiros capítulos de Daniel, que de certa forma eles praticavam religião em grupo. Eles fortaleciam-se ao discutir, orar, estudar e decidir juntos na comunhão de uma pequena “célula” de crentes. Isto ajuda a explicar o poder do seu testemunho solitário, quando tiveram que dá-lo.⁴⁰

As decisões a respeito da alimentação de Daniel e os seus companheiros foram recompensadas por Deus. Em toda essa aprovação, parece que Deus dirige tudo que acontece aos três jovens. Como Baldwin menciona; “A invisível mão de Deus dirige todo o curso dos acontecimentos (versículos 2,9) e dá não somente saúde física, mas também vigor intelectual aos Seus fiéis servos”.⁴¹ Carson diz que “por meio de sua dieta vegetariana, Daniel e seus companheiros se desenvolveram muito bem fisicamente. Por implicação, isso também foi obra de Deus”.⁴² Essa luta física, mas na realidade espiritual, não deixou Daniel “dobrar os seus joelhos” ao rei babilônico. Ele preferiu entrar num “risco ocupacional”, como

³⁸ DEVER M. A Mensagem do Antigo Testamento. p. 680

³⁹ ALMEIDA A. O Livro de Daniel. p. 15

⁴⁰ WALLACE S. R. A Mensagem de Daniel. p. 27

⁴¹ BALDWIN G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 89

⁴² CARSON A. D. Comentário Bíblico. Vida Nova. p. 1128

Dever escreve; “Bem, esse era um dos “riscos ocupacionais” de trabalho de Daniel. Ele brincava com um dos maiores fogos que existia, Nabucodonosor e a sua corte. A probabilidade de sobrevivência para um jovem exilado não eram nada boas”.⁴³

Daniel lutou confiando em Deus e, no fim, venceu a prova que foi feita. Pela graça do Senhor, ele e os três jovens foram mais inteligentes e considerados com mais conhecimento do que todos os outros sábios e adivinhos de toda a Babilônia (v 20). Assim permaneceu no palácio como conselheiro de rei, com os outros sábios pagãos. Mas isso não significava que Daniel, com sua posição, desfrutava os benefícios do rei. Era um serviço muito perigoso, como foi demonstrando no sonho que viu Nabucodonosor (Dn 2.1-2). Como diz Lopes, “os privilégios dos sábios transformam-se em iminente ameaça”.⁴⁴

Não há dúvida de que essa “ameaça” era maior de primeira. Nabucodonosor teve um sonho, e depois o esqueceu. Pediu que todos os seus sábios e seus astrólogos o achassem e explicassem. Caso contrário, todos iriam morrer (Dn 2.2), inclusive Daniel, pois ele também ficava desse grupo de sábios. Era uma situação complicada, uma luta entre “a vida e a morte”. A hora da morte de Daniel chegava, a não ser que ele conseguisse solucionar o problema. Daniel pede tempo ao rei, e promete achar e interpretar o sonho. Baldwin diz que “a capacidade de manter a calma sob grande choque e pressão de pensar com rapidez e ter fé num momento da crise, são aspectos da *prudência e sabedoria* (cf. BJ) vistas aqui em Daniel (v 14; cf. Fp 4:7)”.⁴⁵

Daniel age como um verdadeiro servo de Deus, como um sábio que é totalmente dependente, dedicado. Não foge do problema nem se esconde, mas ele sabe que “há um Deus no céu que explica mistérios” (v 28). Daniel reconhece sua limitação, mas demonstra confiança na intervenção divina. E como costumava, foi encontrar os seus amigos para entrar em oração. Daniel compreendeu a importância de termos um grupo de oração. Ele sabia que quando os crentes se unem em oração, isto agrada a Deus e a vitória é certa.⁴⁶ E a vitória veio de Deus, que deu a Daniel a sabedoria para interpretar e explicar o sonho de Nabucodonosor (v 31-45).

⁴³ DEVER M. *A Mensagem do Antigo Testamento*. p. 678

⁴⁴ LOPES D. H. *Daniel. Um Homem Amado no Céu*. p. 41

⁴⁵ BALDWIN G. J. p. 95

⁴⁶ LOPES, D. H. *Daniel. Um Homem Amado no Céu*. p. 43-44

Durante a permanência de Daniel no palácio do rei, não terminaram os seus desafios, as suas lutas. A luta do servo de Deus é duradoura, e vai até o fim. Daniel enfrentava as novas provocações, como uma oportunidade de glorificar e adorar a Deus. Wallace escreve sobre isso: "ele tinha alguma coisa que faltava dos outros, aquele algo mais carismático, um revestimento do Espírito de Deus, sob cuja inspiração Daniel fazia continuamente o seu trabalho".⁴⁷ A virtude de Daniel, o seu andar perante seu Deus, e o rei "encheu" com ódio os outros ministros na corte do palácio. Dario nomeou Daniel principal ministro entre os dois outros medos, para administrar os cento e vinte governadores de todo império (Dn 6.3). A integridade e a retidão de Daniel trouxeram a inveja e a maldição dos outros ministros pagãos para ele. Era impossível para eles aceitar um estrangeiro que adorava outro Deus, diferente dos seus deuses, e pensaram como acusá-lo ao rei.

A fidelidade de Daniel no seu serviço na corte do palácio era impressionante, sem erro e corrupção nenhuma. Os adversários de Daniel pensaram em "atacar" ele contra sua própria fé, contra a Lei do seu Deus. Obrigaram o rei Dario a assinar uma ordem que dizia que, "durante trinta dias todos façam os seus pedidos somente ao senhor. Se durante esse tempo alguém fizer um pedido a qualquer outro homem, essa pessoa será jogada na cova dos leões (Dn 6.8)". A intenção do decreto era clara: fazer cair nessa armadilha Daniel, o fiel servo de Deus. José Sélvio escreve: "À primeira vista, o projeto de lei apresentado para ser sancionado pelo rei teria o propósito de prevenir qualquer intento de sedição ou dissidência na corte. E o rei parece não ter percebido a intenção oculta da proposta".⁴⁸

Daniel tem nessa luta uma idade avançada, mas ele não muda o seu caráter, os seus costumes de entrar em oração, como sempre fazia. Lopes descreve essa situação

Como Daniel enfrentou aquela situação humanamente irreversível? Ele orou. Como ele orou? Do mesmo jeito que sempre orava. Não mudou a postura, nem o lugar, nem o conteúdo da oração. Vejamos algumas marcas de sua oração: em primeiro lugar, sua oração foi constante. Daniel tinha o hábito de orar. Ele não suspendeu sua prática de oração quando foi informado de que as circunstâncias eram desfavoráveis a ele. As circunstâncias mudaram, mas Daniel não.⁴⁹

⁴⁷ WALLACE S. R. A Mensagem de Daniel. p. 106

⁴⁸ SELIO J. A. Os Profetas Maiores.p. 280

⁴⁹ LOPES D. H. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 85

Os adversários de Daniel, não pensaram, nem foram considerados tantos anos vivendo ou ouvindo, quem é Daniel, quem é Deus dele, que é soberano de todas as coisas. O servo de Deus, apesar de ficou longe do seu país e através de conflitos e batalhas físicas e espirituais, não parou de confiar e orar ao seu Senhor poderoso. Como Lopes diz, depois de mais uma luta, Deus livrou Daniel em meio do problema e não do problema. Muitas vezes, Deus não nos poupa das aflições, mas nos livra nelas ou mesmo na morte.⁵⁰

Daniel lutou, não desistiu de qualquer circunstância. Abriu caminho para os outros judeus exilados, que foram deportados para a Babilônia depois da queda de Jerusalém, ficassem firmes e resistentes na sua fé em Deus. Tornou-se um exemplo inquebrantável para os judeus das próximas gerações, principalmente no período dos macabeus, na grande tribulação e sofrimento de Antíoco IV Epifânio. Baldwin escreve sobre isso:

Em vista do fato de as histórias terem se originado debaixo de regimes hostis, deve-se inferir que elas terão alguma coisa influência, terão alguma coisa a dizer relação à conduta do povo de Deus sob tais circunstâncias em qualquer época, inclusive o período dos macabeus.⁵¹

⁵⁰ LOPES D. H. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 87

⁵¹ BALDWIN, G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 141

II – A INTERPRETAÇÃO DAS PROFECIAS

2.1 O Carneiro e o Bode

No texto bíblico, depois de dois anos, Daniel teve uma visão. Conforme registro no capítulo oito, esta aconteceu durante o reinado de Belsazar, não sendo um sonho, como o capítulo anterior, mas algo diferente. “Daniel foi transportado em espírito até Susã e isso através do tempo. Deus transportou Daniel a Susã não fisicamente, mas em espírito”.⁵² No capítulo sete, o centro da visão com os quatro animais era a grande capital Babilônia. Agora, na segunda visão de Daniel, o centro dos acontecimentos transporta-se mais a leste, em Susã, a capital persa. Nesta cidade vão se encontrar as duas personagens desse capítulo: o carneiro, que é representado com o império medo persa, e o bode, que é o império grego.

Este capítulo divide-se em duas partes. Na primeira (vs 1-14), o profeta vê um combate entre dois animais domésticos, desta vez animais mansos e não figuras de monstros, como foram apresentados no capítulo sete. Na segunda parte (vs 15-27) está a explicação da visão do arcanjo Gabriel. O capítulo aqui parece que dá desenvolvimento progressivo e detalhado do capítulo anterior. Boyer considera esta visão como suplemento do capítulo sete, porque Daniel diz “... depois daquela (visão) que me apareceu no princípio”.⁵³ O foco da visão é mais no segundo e terceiro impérios. Champlin escreve que “o propósito deste capítulo é por um lado, tornar claras algumas questões que haviam sido tratadas de maneira um tanto críptica no capítulo sete; e, por outro, renovar a certeza de que o fim estava próximo”.⁵⁴

O carneiro com os dois chifres (v.3) refere-se aos reis do império medo-persa unidos, como o arcanjo Gabriel interpreta em Daniel (v.20). O chifre maior do carneiro representa o poder do rei persa, que é Ciro, chamado pela história por “Grande”. O fato de um dos chifres ser maior do que o outro mostra a hegemonia dos persas sobre os medos nas ações do governo, até porque o grande conquistador do período é Ciro, o persa.⁵⁵ O profeta Isaías o menciona como “pastor” e “ungido” de Deus (Is 44. 26-28, 45.1). Tognini escreve sobre Ciro que “a ascensão de Ciro, portanto, significa cumprimento da vontade de Deus, libertação do “Restante” de Judá, restauração da cidade de Jerusalém, templo, culto e sacrifícios a

⁵² LOPES D. H. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 101

⁵³ BOYER, O. Daniel Fala Hoje. p. 91

⁵⁴ CHAMPLIN, N. R. O Antigo Testamento Interpretado. p. 3410

⁵⁵ SÉLIO J. Os Profetas Maiores (II). p. 295

Jeová”.⁵⁶ Deus usou Ciro como um instrumento, para conhecerem todas as nações que não há outro Deus como o Senhor. Ciro era aquele que o Senhor tomou pela mão direita (Is 45.1). Ele estabeleceu o estado conjunto dos medos e persas, rompendo o seu adversário Astíages, o medo. Assim Ciro, inconscientemente, desempenhou o papel que Deus lhe designou na história.⁵⁷

Esta impressionante declaração, usando o termo “ungido” dado por Deus, parece estranha e distante do contexto cristão, pois é um título tão elevado, para um rei pagão. Mas tudo que Deus faz é perfeito e cumpre o Seu plano majestoso. Com o exemplo de Ciro, Deus demonstra que toda a autoridade humana e domínio vem dele, porque “Ele remove reis e estabelece reis” (Dn 2.21^a). Deus tem o poder absoluto e o controle de todos os acontecimentos no mundo. Segundo Wallace:

...se nos limitarmos a interpretar a História somente com a nossa própria perícia, imaginação e sabedoria, a nossa mente acabará profundamente perturbada com perguntas que nos deixarão perplexos. As coisas que têm acontecido são às vezes tão absurdas e chocantes que ficamos imaginando se de fato existe algum vestígio de propósito evidente na vida humana. Com certeza não podemos ficar imaginando as razões por que tal destino ocorreu a uma pessoa, ao passo que a uma outra coube sorte diferente. As histórias dos malandros da vida estão cheias de bênçãos inexplicáveis; e as histórias dos heróis da vida estão cheias de inexplicáveis tragédias.⁵⁸

Ciro aumentou o seu poder e chegou a governar o seu império através dos seus descendentes até dois séculos seguintes, em três continentes. As conquistas dos persas incluíram terras na Ásia, no Egito, na África, e parte norte da Grécia, a Macedônia na Europa. Daniel viu que “nenhum dos animais lhe podiam resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele porem fazia segundo a sua vontade, e assim se engrandecia” (Dn 8.4). No ano 539 a.C Ciro entrou na Babilônia, e no ano seguinte escreveu o decreto que é conhecido como “decreto de Ciro” a qual permitiu a Judeus e outros povos que foram cativos, voltassem para suas pátrias. Para os Judeus, Ciro “foi sem dúvida um célebre libertador... e

⁵⁶ TOGNINI, E. O Período Interbíblico, p. 65

⁵⁷ BALDWIN G. J. Daniel. Introdução e Comentário, p. 164-165

⁵⁸ WALLACE S. R. A Mensagem de Daniel, p. 146-147

tinha um propósito no seu coração, não tirar nenhum povo de sua terra, de seu lar. Estava, portanto, no seu plano realizações libertar todos os cativos”.⁵⁹

A queda de poder do carneiro e o ataque do bode não aconteceram no reinado de Ciro. Isto ocorreu com o seu descendente, Dario III, dois séculos depois, em 331 a.C. Em Susã, na capital dos persas e no lugar em que Daniel foi transportado por Deus e teve essa visão, e em Ecbatana, a primeira cidade dos medos, acabou o império medo persa.⁶⁰ “Os grandes impérios deste mundo oscilam como o pêndulo de um relógio, ou como movimentos dos mares; ao soberbo império Assírio sucedeu o Babilônico; a este sucedeu o Persa, e o Persa agora se esboroa para dar lugar ao Macedônico”.⁶¹ Daniel viu o bode chegar perto do carneiro, e enfurecido contra ele, o feriu e lhe quebrou os dois chifres... (v.7). Era a vez de outra nação, de outro império entrar na história dirigida e controlada por Deus, nos tempos dos gentios. Daniel viu um bode que vinha do oeste, “correndo tão depressa, que as suas patas nem tocavam o chão” (v.5). No capítulo sete, e na visão descrita de Daniel, o novo império apresenta-se com um leopardo de quatro cabeças. João Crisóstomo, um dos pais da igreja, escreveu sobre isso: “O leopardo, que menciona o profeta Daniel, é Alexandre o rei dos Macedônios, que voou em cima de todo *ecúmeno* (mundo). Pois, ninguém foi mais veloz e ágil de ele, mas era veemente e lesto como essa fera”.⁶²

Daniel, havendo tido a visão, ficou confundido sobre que significava tudo isso, e procurou entendê-la (v.15). Vendo a preocupação do seu profeta, Deus respondeu através do anjo Gabriel. Segundo Baldwin, “não sabemos se Daniel voltou à consciência, mas logo voltou a estar num estado visionário, vendo diante dele uma figura com aparência de homem, à qual alguém se dirigiu, com voz humana, como Gabriel “Deus se mostrou forte”.⁶³ Pela primeira vez, o Antigo Testamento menciona um anjo com o seu nome. Parece que Deus vai começar a revelar e esclarecer um pouco mais Sua ação na história humana. Gabriel diz ao profeta

⁵⁹ TOGNINI, E. O Período Interbíblico. p. 64

⁶⁰ Depois da última e decidida batalha a Gaugamela, em 331 a.C, e a fuga do Dario III (último rei da linhagem de Ciro), Alexandre o Grande, líder dos gregos, entrou na Susa, a capital dos persas, onde os satrapas o aceitaram como rei da Ásia. HAMMOND, N. L. G. Μεγας Αλεξανδρος. Ενας ιδιοφυης. π.194

⁶¹ TOGNINI, E. p. 71

⁶² <http://enromiosini.gr\arthrografia\η-προφητεία-του-Δανιήλ-για-τον-μ-Αλέξανδρο>. A Profecia de Daniel sobre Alexandre o Grande. A tradução é do autor.

⁶³ BALDWIN, G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 168

que a visão se refere ao tempo do fim (v.17), em que a ira de Deus só vai parar com a vinda do Messias. Segundo Baldwin:

a ira é a sentença de Deus que deve cair a qualquer hora sobre aqueles que se rebelam contra Ele e não se arrependem. O Seu próprio povo não estava isento (Is 10:5-11), muito menos o estariam as nações (Jr 10:10). Aqui a pergunta era por quanto tempo Deus permitiria que o Seu santuário terrestre fosse pisado (cf. I Macabeus 1:54), e Daniel podia estar certo de que havia um tempo determinado para o fim.⁶⁴

O tempo do fim nesse capítulo é uma questão muito importante, e surge uma pergunta; “Até quando durará a visão do costumado do sacrifício, e da transgressão assoladora” (v.13)? O número dois mil e cento e cinquenta dias, que foi a resposta do anjo, não deveria ser tomado como um ato de julgamento divino, cuja duração é sempre indicada pelo número sete.⁶⁵ José Sélío escreve que “precisamos interpretar a expressão “tempo do fim” (8 17,19), não como o fim último de todas as coisas, mas o fim das dominações dos impérios ímpios sobre os santos de Deus, com a imergência do Messias na história”.⁶⁶ A pergunta, entretanto, não é formulada pelo profeta Daniel, mas por um outro anjo presente no cenário. A sequência da narrativa (v.10-12) quer indicar uma progressão de acontecimentos que se agravam paulatinamente até um determinado momento, quando se dará a profanação do santuário.⁶⁷

O bode que veio do ocidente representa o reino dos Gregos, e o chifre o grande entre os olhos é o primeiro rei (v.21). Isto simboliza o único rei que surgiu entre as cidades-estados da Grécia, Alexandre o grande, o Macedônio. A Septuaginta LXX traduz a palavra bode como *τράγος των αιγών*, que significa “bode do lugar das cabras”; o líder das cabras. É impressionante que Daniel viu exatamente de onde veio esse império, e o seu único rei, e destruiu o império Persa, o maior império da Antiguidade. A primeira capital e o início do pequeno reino dos macedônios era chamado *Aiges-Aiyés*, e significa lugar das cabras, porque foi fundado nas encostas da montanha das Pierias. Gabriel interpretou o bode com o reino dos Gregos, e o chifre notável e grande, e ele é o primeiro rei (v.21). Ele chegou até o último rei da linhagem de Ciro do império medo-persa, Dario, o terceiro, o atacou e entrou

⁶⁴ BALDWIN, G. J. *Daniel. Introdução e Comentário*. p. 168-169

⁶⁵ JOSÉ SELIO, A. *Os Profetas Maiores (II)*. p. 298

⁶⁶ JOSÉ SÉLIO, A. p. 298

⁶⁷ JOSÉ SELIO, A. p. 297

em Susã, onde estabeleceu um reino novo, enorme, o Macedônio – Grego, que dominou da Grécia até o extremo Oriente, na Índia.⁶⁸

A brilhante glória do bode, do líder veloz, que deixou a sua marca na história, acabou rápida, assim como começou. O grande chifre notável foi esmagado, quebrado, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu (v.8). Daniel ficou muito assustado e perplexo com essa sua visão. O ataque do bode de chifre notável no carneiro aconteceu tão veloz como um relâmpago que apareceu no céu. Mas a sua queda também foi no seu ápice. Daniel procurava entender tudo que acontecia (v.15), ficou perturbado, pois as perguntas que surgiram lhe atormentavam a mente. Ele sentia que a visão devia ter um significado profundo, e que lhe transmitia alguma mensagem divina, pois, com certo temor e surpresa, procurou entendê-la.⁶⁹

2.2 O Homem vestido de linho

No capítulo dez, Daniel recebe a última mensagem ou visão, que inclui os dois capítulos seguintes, até o fim do livro. Esse capítulo “é introdutório à profecia final, a qual se ocupa de três diferentes assuntos, pelo que constitui ainda três secções desta segunda parte do livro...”⁷⁰ Daniel teve essa visão no terceiro ano do reino de Ciro. Não fica claro aqui, se Ciro anunciou o seu decreto sobre a reconstrução do templo e o repatriamento dos judeus em Jerusalém, antes dessa visão. Alguns dizem que o decreto foi emitido na época da visão, e outros que o edito de Ciro se deu no primeiro ano no seu reinado em Babilônia, segundo registro de Esdras (Ed 1.1).⁷¹ O fato é que Daniel não o menciona, e continua a orar, jejuando e pranteando pelo seu povo. Alguns dizem que Daniel jejuava e orava por duas razões: muitos judeus haviam se esquecido de Jerusalém e mostravam pouco interesse em voltar do exílio; os poucos que voltaram, enfrentavam dificuldades sem precedentes para reconstruir o templo e a cidade.⁷²

Daniel, através de sua atitude, de entrar e prantear pelo seu povo parece mostrar seu interesse não para os dias atuais, mas para o futuro do povo, para o “fim do tempo” das

⁶⁸ VILELA SANTOS, M. História Antiga e Medieval. p. 67

⁶⁹ WALLACE, S.R. A Mensagem de Daniel. p. 147

⁷⁰ ALMEIDA, A O Livro de Daniel. p. 84

⁷¹ SÉLIO JOSÉ, A. Os Profetas maiores (II). p. 309

⁷² LOPES, D. H. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 128

visões anteriores que Deus revelou. Ele já viu que outros impérios sucessivos foram surgidos depois dos Babilônios, que foi o império medo-persa. Daniel, no reinado de Ciro, já tinha uma idade avançada, “então já teria 86 anos quando lhe foi conferida esta visão final”.⁷³ Ele “não retornou a Jerusalém depois que os judeus voltaram para reconstruir a cidade santa. Sua missão era passar seus últimos dias naquele país estrangeiro”.⁷⁴

Daniel, nesse capítulo, teve uma mensagem revelada por Deus, de qualquer modo difícil de entender. Por isto foi dada a explicação da visão (v.1). Com tantas revelações anteriores, visões e mensagens de Deus através de seres celestiais com aparência de homens, anjos, arcanjos, no caso de Gabriel, Daniel ficou muito surpreso com tudo que Deus queria mostrar ao seu servo. “Enquanto antes Daniel havia dito expressamente que não tinha compreendido a visão (8.27), à luz desta revelação ele passa a entender tanto a palavra falada como a visão...”.⁷⁵

Daniel estava na beira do grande rio Tigre, quando de repente, sem qualquer aviso, apresentou-se um homem com vestes de linho. “Ele estava com os ombros cingidos de ouro, com um corpo semelhante a berilo, com rosto como relâmpago e olhos como tochas de fogo. Os seus braços e pés brilhavam como bronze polido e uma voz que soava como o estrondo de uma multidão”.⁷⁶ Sem dúvida, Daniel teve uma “visão assustadora” que não podia administrar. Até ficou sem força, o seu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não reteve força alguma (v.8).

Toda a cena era tremenda, e parecia tão real porque Daniel recebeu uma mensagem não no seu sonho, pois “a palavra era verdadeira”. Somente a sua explicação foi dada em uma visão (v.1). Não era uma visão comum. A “vista humana”, que brilhava, era parecida com o encontro de Paulo com Jesus na estrada de Damasco, onde Cristo se apresentou diante dele, não como uma imaginação ou uma visão privativa à mente de um indivíduo.⁷⁷ Daniel não estava sozinho esta vez. Como Paulo, assim Daniel no rio Tigre, estava junto com outros homens, provavelmente seus companheiros na oração. Estes fugiram correndo por causa do

⁷³ CHAMPLIN, N. R. O Antigo Testamento Interpretado. p. 3418

⁷⁴ CHAMPLIN, N. R. p. 3418

⁷⁵ BALDWIN, G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 190

⁷⁶ WIERSBE, W. W. Proféticos. Comentário Bíblico Expositivo. p. 369

⁷⁷ WALLACE, S. R. A Mensagem de Daniel. p. 183-184

temor que sentiram, “deixando Daniel sem nenhuma ajuda, numa experiência de grande fraqueza”.⁷⁸

Quem era aquele homem? Estudiosos das Escrituras ainda discutem entre três aspectos possíveis. No primeiro, o homem era um anjo enviado para assegurar a Daniel de que as hostes celestiais de Deus cuidariam do povo judeu e providenciariam para que a vontade de Deus se realizasse. Poderia também ser Gabriel, que já havia visitado Daniel, ou seria uma aparição pré-encarnada de Jesus Cristo, o Filho de Deus.⁷⁹ Pelo menos quatro anjos sagrados (Dn 10-12) aparecem nesta visão e “o homem vestido de linho” está inquestionavelmente destacado (Dn 12 6,7). Portanto, o personagem descrito em 10.5,6 é uma *teofania*, mas o conteúdo da visão é relatado pelo anjo intérprete que é apresentado no v.10.⁸⁰ Gilberto escreve que “nesses versículos 5,6 tem *mais uma teofania no AT.*” Comparando-se com Apocalipse 1.13-16, entendemos que Daniel teve aqui uma visão do Senhor Jesus, tal qual João na ilha de Patmos.⁸¹ Para os dois exilados judeus – Daniel na Babilônia e João em Patmos -, Jesus apareceu como o Sacerdote-Rei glorificado.⁸²

Deus, tendo mostrando em Daniel o que vai acontecer até ao fim do tempo, traz aqui a Sua palavra gloriosa, manifestando-se através de uma forma superior de um anjo, ou da forma que Gabriel foi apresentado no capítulo oito. “Daniel já havia visto o Filho de Deus no trono de Deus no céu (Dn 7.9-14), mas esse homem estava muito perto do profeta; e essa brilhante aparência foi uma visão do glorioso Filho de Deus e que o anjo que falou com Daniel foi Gabriel.⁸³ De qualquer maneira, somente a presença do próprio Deus produz um efeito tão humilhante e esmagador, e é somente Deus quem pode consolar e fortalecer de tal forma. Os profetas “tinham esta mesma experiência quando estavam na presença do próprio Deus”.⁸⁴

A aparência do “homem glorioso” vestido de linho, sem dúvida, fez Daniel ficar muito abalado diante da segunda Pessoa da Bendita Trindade! Suas forças retraem-se de seu corpo

⁷⁸ BALDWIN, G. J. Daniel. Introdução e Comentário. p. 191

⁷⁹ WIERSBE, W. W. Proféticos. Comentário Bíblico Expositivo. p. 369

⁸⁰ MOORE, B. Daniel. Vidas de Integridade, Palavras de Profecia. p. 184

⁸¹ GILBERTO, A. Daniel e Apocalipse. p. 70

⁸² WIERSBE, W. W. p. 370

⁸³ WIERSBE, W. W. p. 370

⁸⁴ WALLACE, S. R. A Mensagem de Daniel. p. 186

mortal, e sua cor natural se altera em uma palidez fúnebre. A voz cujas palavras são “como o estrondo de muita gente” lhe fala. Esta experiência é demais para o corpo humano suportar. O velho profeta perde a consciência, aos pés do Senhor Jesus Cristo.⁸⁵

2. 3 Os Reis do Sul e do Norte (Cap. 11)

O capítulo 11 é a continuação do capítulo 10, e da explicação da mensagem que foi dada anteriormente, sobre os dois impérios, o império medo – persa e império grego. O Senhor mostrará a Daniel um verdadeiro retrato do futuro. O capítulo 11 é a história escrita antes que os eventos ocorressem! Estava escrita desde a eternidade nos livros divinos (10.21), mas também seria registrado no livro de Daniel bastante tempo antes que acontecesse.⁸⁶ Os trinta e cinco primeiros versículos de Daniel 11 eram profecias para o tempo do profeta, mas hoje fazem parte da História. Tratam de personagens históricos importantes, porém, em sua maioria esquecidos, com nomes difíceis e relações complicadas.⁸⁷

Progressivamente, o capítulo 11 traz à luz, através da explicação do anjo em Daniel, os sucessores do chifre quebrado mencionado no capítulo oito, isto é, Alexandre, o Grande. No capítulo oito o império babilônico desaparece, o império medo-persa quase não é mencionado, e isso a fim de que toda a atenção se concentre em torno do império grego.⁸⁸ Deus revela ao seu profeta, através dos acontecimentos da história, a chegada do seu reino no determinado “fim do tempo”; o mencionado “pequeno chifre” no capítulo oito, o “príncipe” que é citado no capítulo nove, e o mencionado rei do norte no capítulo 11, Antíoco Epifânio, é apenas um tipo do anticristo vindouro. O fim será o fim da era presente, que passará quando o reino de Deus for inaugurado.⁸⁹

A centralização do capítulo 11 e o seu interesse passa agora na divisão do império grego em quatro partes, e o conflito entre os dois principais reinos, dos dois principais generais de Alexandre o Grande: o reino do sul, fundado por Ptolomeu de Lagou, chamado Soter, e do reino do norte, fundado por Seleuco I, o chamado Nicator.⁹⁰ São muito impressionantes as

⁸⁵ OLYOTT, S. O Livro de Daniel. História e Profecias. p. 149

⁸⁶ OLYOTT, S. p. 157

⁸⁷ WIERSBE, W. W. Proféticos. Comentário Bíblico Expositivo. p. 373

⁸⁸ CHAMPLIN, N. R. O Antigo Testamento Interpretado. p. 3421

⁸⁹ CHAMPLIN, N. R. p. 3421

⁹⁰ ALMEIDA, A. O Livro de Daniel. p. 92

informações que dá o mensageiro de Deus em Daniel, através de reinos e reis, que vão governar a “terra santa”. Mostram que o foco e o alvo são o futuro do povo judeu, e a vinda do Messias, Filho de Deus. Esses dois reinos mantiveram constantes conflitos, tendo como um dos motivos quase sempre o domínio da região de Palestina da Fenícia, onde se encontrava naturalmente Judá e sua capital, Jerusalém, que sempre era afetada nestes conflitos.⁹¹

O anjo relata com detalhes (Dn 11. 5-20) o conflito e as batalhas entre a dinastia dos *Ptolomeus* contra a dinastia dos *Selêucidas*. A época a que se refere a profecia é por volta de 300 a.C., caracterizado por um longo período da história marcado por uma série de interações, alianças e guerras entre os reis do norte e os reis do sul. Os reis do norte, que às vezes tomavam o nome de Antíoco, são os reis selêucidas da região ao redor da Síria e da Palestina, cuja capital era Antioquia. Numa tentativa de estabelecer a paz e unir os dois reinos, Ptolomeu II deu sua filha Berenice em casamento a Antíoco II, como interpreta exatamente esse versículo o anjo do Senhor.⁹²

Até o versículo 20, Daniel fornece um resumo detalhado do relacionamento entre o reino do sul, dos Ptolomeus, sediado no Egito, e o reino do norte dos Selêucos, cuja sede estava na Síria.⁹³ Com muitas alterações de reis, entre os reinos do sul e do norte, o anjo continua (vs.21-45) “declarar a verdade” em Daniel, em detalhes, o surgimento de um rei, do reino do norte, que é chamado “homem vil”. Esse rei, reconhecido da história, era Antíoco Epifânio, que já havia sido identificado anteriormente como o pequeno chifre (8. 9-14) e chegou ao reino usurpando o direito de seus sobrinhos.⁹⁴ Era uma pessoa “desprezível”. Ele assumiu o nome Epifânio, que significa “o ilustre”. Esse ato de insolência era típico do seu ego tresloucado. Na realidade, ele foi chamado de Louco, sendo facilmente possível que, de fato, fosse mentalmente desequilibrado.⁹⁵

Antíoco Epifânio, rei do norte, da linhagem do reino dos Selêucidas, sem dúvida é o “foco” desse capítulo (vs. 21-45), e é mencionado dos mensageiros das profecias em Daniel, como o

⁹¹ SÉLIO JOSÉ, A. *Os Profetas Maiores (II)*. p. 315

⁹² WALLACE, S. R. *A Mensagem de Daniel*. p. 197

⁹³ OLYOTT, S. *O Livro de Daniel. História e Profecias*. p. 169

⁹⁴ SÉLIO JOSÉ, A. p. 316

⁹⁵ CHAMPLIN, N. R. *O Antigo Testamento Interpretado*. p. 3423

“pequeno chifre” (7.8), que perseguiu o povo de Deus, encerrou os cultos regulares do templo e, embora não tenha destruído a estrutura do templo, profanou-o a tal ponto que não se podia usá-lo (8.11).⁹⁶ Os sofrimentos e a morte do povo atuariam como agentes de purificação, preparando a nação para um novo dia depois do Antíoco Epifânio. Fica claro que a explicação da visão em Daniel, parece um olhar para o futuro distante, para o tempo do fim em geral, indicado que a nação perseguida de Israel seria purificada.⁹⁷

Esse rei do norte, Antíoco Epifânio, evidentemente, todos concordam de que foi uma figura do verdadeiro anticristo, e, assim, esta grande profecia terá sua total consolidação no “tempo do fim”.⁹⁸ Foi um homem astuto, poderoso, cruel, tolo, ganancioso e imoral; cheio de paixões violentas.⁹⁹ A centralização de lado de Deus nesse “homem vil”, o pequeno chifre, demonstra claramente ser o anticristo, a antítese do verdadeiro Cristo. Jesus é justo, ele será o iníquo; Jesus, ao entrar no mundo, disse o Pai: “Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a Tua vontade” (Hb 10.9), do anticristo está dito no capítulo 11, que ele “fará conforme a sua vontade” (v.36).¹⁰⁰

Mas Deus, no fim do tempo, levantou “o Seu chifre ungido”, Jesus Cristo, para a salvação do seu povo, como Zacarias, o pai do João Batista profetizou (Luc 1.69). Nas escrituras, o chifre é um símbolo de poder principesco. Neste capítulo onze, Deus mostrou muitas demonstrações do poder humano que surgiram e desapareceram. Mas ao contemplar a vinda do Messias, Zacarias, em seu cântico, confirma que finalmente “Deus nos deu um chifre de salvação. Um chifre enviado pelo próprio Deus veio ao mundo.”¹⁰¹ Sem dúvida Antíoco Epifânio, é um destaque para o tempo do fim (v.40), mas com a vinda do Messias, todas as nações vão ter o “acesso” ao Reino de Deus. Em contraste, o anticristo vai aparecer, pouco antes da segunda vinda de Jesus.

⁹⁶ OLYOTT, S. O Livro de Daniel. História e Profecias. p. 119

⁹⁷ CHAMPLIN, N. R. O Antigo Testamento Interpretado. p. 3424

⁹⁸ SEVERINO, P. S. Daniel. Versículo por versículo. p. 218

⁹⁹ LOPES, H. D. Daniel. Um Homem Amado no Céu. p. 139-140

¹⁰⁰ SEVERINO, P. S. p. 219-220

¹⁰¹ OLYOTT, S. p. 126

III. A PROFECIA MESSIÂNICA DE DANIEL CUMPRIDA NA PLENITUDE DOS TEMPOS

3.1 Ambiente Cultural

Na sua última entrada em Jerusalém, e pouco antes da sua crucificação, Jesus tinha uma visita de um grupo de gregos ou *helenos*, como eram chamados. Eles subiam a Jerusalém para que adorassem a Deus (Jo 12.20-21). Em Atos, Lucas descreve uma controvérsia que aconteceu entre os discípulos. De um lado, os chamados *helenistas*,¹⁰² e de outro lado os hebreus, discutiram a respeito das viúvas dos helenistas, as quais ficavam negligenciadas no serviço diário nas mesas (At 6.1). Tal como o próprio Estevão, e os outros seis mencionados *diáconos*, todos eles tinham bons nomes gregos, e provinham na sua maior parte de famílias judias que estavam helenizadas, pelo menos há uma geração ou mais.¹⁰³ O primeiro grupo (que queria ver Jesus), era grego de origem, simpatizante ou convertido ao judaísmo, e o segundo grupo, judeus que não falavam o seu aramaico original, mas a língua grega. O comum entre os dois grupos era a fala grega. Mas, além disso, não era só o idioma grego que ligava essas pessoas. O helenismo foi uma forma de vida característica, corporificada numa instituição básica, a cidade-estado, e quem se aclimatasse à vida tal como vivida numa cidade – estado helênica, seria aceito como heleno, não importado qual a sua origem e formação.¹⁰⁴

Os historiadores chamam o período entre a morte de Alexandre o Grande na Babilônia, e o ano em que os romanos conquistaram o Egito, como o último reino do império grego, *era helenística* (323 a.c – 31 a.C). Esse período caracterizar-se-á essencialmente pelo esforço da adaptação do gênio grego, pelas variações do ideal grego, transplantado nas regiões do Oriente, pelos êxitos e insucessos do elemento grego no contato com civilizações

¹⁰² O termo “Helenistas” ocorre aqui por oposição a “Hebreus”, mas não significa “Gregos” (termo que é utilizado para os “gentios” no Novo Testamento). Também não se refere aos judeus nascidos ou educados em Jerusalém, que tinham adotado a cultura grega, mas a pessoas que já não falavam o seu aramaico original na sua terra, ainda que o entendessem, mas grego, por eles ou as suas famílias terem vivido no estrangeiro em cidades helenizadas durante muito tempo, tendo regressado depois à sua pátria. JAEGER, W Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega. p. 18

¹⁰³ JAEGER, W. p. 18-19

¹⁰⁴ TOYNBEE, A. Helenismo. História de uma Civilização. p. 19

heterogêneas.¹⁰⁵ “A Grécia Helenística não considerou a morte de Alexandre o “fim de uma era”; considerou-a o início dos tempos “modernos”, e como símbolo de vigorosa juventude mais do que fator de decadência”.¹⁰⁶

Com esse passo gigante, Alexandre o grande uniu o Ocidente com o Oriente, chegou até a Índia, quase até o sopé do maciço do Himalaia, criando o primeiro sistema administrativo ecumênico, deixando ao seu estado os governantes que ele submeteu.¹⁰⁷ As consequências da conquista de Alexandre foram graves para o helenismo e para a arte grega. Atenas deixou de ser o centro. Teve por herdeiras intelectuais, no Egito, a Alexandria dos Ptolomeus; na Síria, a Antioquia dos Selêucidas; na Ásia Menor, a Pérgamo dos Atálidas. Assim desenraizado, tornado quase universal, o helenismo perdeu em pureza o que seu império ganhou em extensão.¹⁰⁸ Desenvolveu-se assim a chamada *cultura helenística*: uma mistura de cultura dos povos da Antiguidade Oriental.¹⁰⁹ Nesse caso, sem dúvida, a própria cultura grega não influenciou os povos do oriente, mas foi também influenciada, principalmente através das novas crenças do Oriente.

A religião se transformou. Aos tempos *Helenísticos* e no período romano também, surgiu um “sincretismo” religioso incomparável. Os doze deuses do Olímpo são reduzidos, e desaparecerão. Ocuparão seu lugar as religiões orientais e divindades.¹¹⁰ No Egito, o culto de *Serápis*, uma forma de deus em que apareciam reminiscências gregas e egípcias, foi imposta por Ptolomeu na Grécia, inclusive em Atenas. Outra divindade popular também na Grécia foi *Isis*, tão importante quanto *Mitra* (divindade persa) e *Cibele* (Frígia).¹¹¹ Assim o resultado desse envolvimento de cultura *helênica* com a cultura religiosa oriental, é que “os gregos ofereciam ao Oriente a filosofia; o Oriente oferecia à Grécia a religião; a religião venceu porque a filosofia era um luxo ao alcance de poucos, ao passo que a religião constituía um conforto para muitos”.¹¹²

¹⁰⁵TARAJÓS, V. *História Geral*. p. 82

¹⁰⁶DURANT, W. *História da Civilização*. p. 267

¹⁰⁷ HAMMOND, G. L. N. *Μεγας Αλεξανδρος. Ενας ιδιοφυης*. π. 194

¹⁰⁸ TARAJÓS, V. p. 81

¹⁰⁹ VILELA SANTOS, J. M. *História Antiga e Medieval*. p. 67

¹¹⁰ ΑΠΟΣΤΟΛΙΚΗ ΔΙΑΚΟΝΙΑ. *Νεοπαγανισμος. Η Απειλη απο το Παρελθον*. π. 10

¹¹¹ TARAJÓS, V. p. 82

¹¹² DURANT, W. p. 294

Com a providência divina, Deus preparou, semeando a Sua Palavra em pessoas que procuravam, buscavam a sabedoria divina, como Paulo disse no Areópago: “Para buscarem a Deus se, porventura tateando¹¹³ o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós” (At 17.27). Pela primeira vez, pessoas pensadoras, que procuravam a sabedoria, os chamados filósofos pré-socráticos, vivendo em torno do mar Egeu, na Grécia continental e nas cidades litorâneas da Ásia Menor, desenvolveram a ideia de um só Deus. Negaram o politeísmo e a idolatria, e tentaram configurar uma ideia suprema sobre Deus e purificar o conceito divino de todos aqueles elementos que tinham acumulado a mitologia, a superstição e o pensamento primitivo e místico das massas.¹¹⁴

Especialmente nos círculos culturais nas grandes cidades e nas escolas, a filosofia de Platão e Aristóteles chega ao máximo. Depois desses expoentes da filosofia grega, surgem Epicuro e Zeno; o primeiro pregando os prazeres da carne e o segundo advogando o estoicismo, cujo princípio fundamental era exagerar a virtude.¹¹⁵ Em Alexandria, a filosofia cresceu tanto, que atraiu muitos de judeus que moravam na cidade. Um desses, Filo, criado em atmosfera sacerdotal, profundamente dedicado ao seu povo apesar de fascinado pela filosofia grega, tomou como alvo supremo a tarefa de reconciliar as Escrituras e os costumes dos judeus com as ideias gregas, e acima de tudo com a filosofia do “sacratíssimo” Platão. Filo escrevia tanto em hebraico como em grego. Mas escrevia tão bem em grego que seus admiradores diziam: “Platão escreve como Filo”.¹¹⁶

¹¹³ O termo correspondente em grego é, Ψηλαφησειαν < Ψηλαφαω, sintético do adjetivo Υψηλός=*alto*, e da palavra Αφή=tacto. Expressão de uma busca de alguém que procura superficialmente. Uma ampliação metafórica do significado ψηλαφαω=apalpar, sentir, tocar. Fazer um esforço para vir a conhecer algo, apesar das dificuldades, sabendo que as chances de sucesso não são muito grandes. LOUW, J. – NIDA, E. Léxico Grego-Português do Novo Testamento. p. 256, 297

¹¹⁴ Xenofanes-Ξενοφανης ο Κολοφωνιος (570-480 a.C), foi o primeiro filósofo que negou a prevaletida religião politeísta da sua época, onde declarou que, “Um Deus entre os deuses e dos homens, supremo, nem semelhante de corpo como os mortais, e nenhuma razão racional que pode percebê-lo. ΑΠΟΣΤΟΛΙΚΗ ΔΙΑΚΟΝΙΑ. Νεοπαγανισμος. Η Απειλη απο το Παρελθον. π. 16

¹¹⁵ TOGNINI, E. O Período Interbíblico. p. 92

¹¹⁶ DURANT, W. História da Civilização. Cesar e Cristo. Tomo 2º. p. 165-166

3.2 O Mundo Político

3.2.1 Alexandre o Grande

“Alexandre, o Grande foi um fenômeno meteórico tão notável na história que não podemos deixar de perguntar-nos qual seria impacto total no mundo se ele não tivesse morrido repentinamente aos 32 anos de idade”.¹¹⁷ A respeito de Alexandre, “o bode furioso” (Dn 8.7), e o “rei da Grécia e o chifre grande” (Dn 8.21), foi escrita tanta literatura, que se pode perguntar o que é história e que é lenda, pois sua personagem, não só aos gregos, mas para muitos povos, do Oriente principalmente, foi se tornando mito.

Alexandre nasceu em Pella, sede do reino da Macedônia, em 356 a.C. Era descendente de dois heróis gregos que admirava muito; do lado paterno, de Felipe II, descendia de Hércules, por Carano, e do lado materno, de Olímpíada, descendia por Neoptólemo, filho de Aquiles. Alexandre foi disciplinado até seus 14 anos, e cresceu com a melhor educação da sua época. Leônidas, um austero molossiano, foi o treinador físico do príncipe; Lisímaco ensinou-lhe letras; Aristóteles tentou formar-lhe o espírito. Felipe desejava ardentemente que Alexandre estudasse filosofia, “para que”, dizia ele ao filho, “não pratiques uma porção de coisas de que hoje me arrependo”.¹¹⁸ Era tão grande o prestígio de Aristóteles na vida do jovem Alexandre, que mais adiante, quando Alexandre visitou o filósofo cínico Diógenes e conversou com ele, disse: “se não estava o Alexandre, queria ser um Diógenes”.¹¹⁹ Como um homem de ação, lamentava-se de não ser também um pensador. Plutarco afirma que “amante de toda sorte de leituras e conhecimentos, e seu maior prazer era, depois de um dia de marcha ou combate, passar metade da noite palestrando com sábios e cientistas”.¹²⁰

Depois da morte de Filipe,¹²¹ os Macedônios levaram o seu filho e sucessor ao trono, Alexandre, para continuar os seus planos. Então, quando Alexandre subiu no poder, jovem ainda, com 20 anos de idade, ele ficou em torno de revoluções e rebeldes de povos e tribos vizinhos ao norte, e das cidades-estado da Grécia central, que queriam aproveitar a morte

¹¹⁷ BAXTER, J. *Examinai as Escrituras*. p. 14

¹¹⁸ DURANT, W. *História da Civilização*. p. 240

¹¹⁹ HAMMOND, N. *Μεγας Αλεξανδρος, Ένας Ιδιοφυης*. p. 20

¹²⁰ DURANT, W. p. 242

¹²¹ Felipe foi assassinado em 336, a.C de uma sua guarda no dia do casamento da sua filha no palácio em *Aiges*. HAMMOND, N. L. G. p. 53

de Felipe, para expulsar as guardas e as tropas dos macedônios. Mas o jovem general, com incrível celeridade, subjugou esses insurretos. Acabou por submeter os Ilírios no norte, destruiu a cidade de Tebas, que tinha o poder hegemônico entre as cidades gregas. Atenas recebeu Alexandre com vivas e aplausos, proclamando-o seu generalíssimo nas guerras contra os persas.¹²²

O “rumo” para Ásia estava aberto. Alexandre atravessou Helesponto em 334 a.C, o estreito canal que divide a Europa com a Ásia, e desembarcou em Troia, onde celebrou sacrifícios em honra de *Aquiles*, cujos feitos sonhava igualar. As dificuldades eram muitas: a imensidão dos países a conquistar, as longas marchas em regiões mal conhecidas através de desertos e desfiladeiros e a hesitação dos soldados em se aventurar longe da pátria.¹²³ Mas com a certeza que desde criança Alexandre considerava-se como filho de deus Amon Zeus, e com os seus talentos naturais, que superavam cada dificuldade que enfrentava, transformou politicamente a face do mundo em pouco menos de uma década.¹²⁴

Alexandre, como o leopardo de quatro asas, “voou” com tanta rapidez de toda a *oikoumene*, que quer dizer o mundo, e entrou em Babilônia e Susã, sem batalha, em 330 a.C, depois de quatro anos da sua saída da Grécia. Chegou até o “coração” do império persa em Persépolis, onde encontrou um imenso tesouro, que tinham acumulado os reis persas.¹²⁵ Dario, o último rei persa, pouco antes da última sua batalha com Alexandre, levantou as suas mãos no céu e orou aos deuses, pedindo para vencer os seus inimigos. Se isso não fosse feito, e o império persa chegasse ao seu fim, não permitissem os deuses, que outro senão Alexandre se sente no trono de Ciro.¹²⁶

Mas quanto mais Alexandre se afastava da Grécia, mais deixava de ser grego em virtude. O Oriente o encantou, e aproximou-se mais dos costumes dos reis persas. A sua culminante apostasia, para os macedônios, ou diplomacia para Alexandre, pois queria ganhar os persas, foi a declaração da própria divindade, seguindo os reis dos medos. Os oficiais macedônios não podiam aceitar a política de Alexandre. Acharam humilhante prostrar-se diante do rei,

¹²² TOGNINI, E. *O Período Interbíblico*. p. 89

¹²³ RODRIGUES, O. *História Geral*. p. 100-101

¹²⁴ BAXTER, J. *Examinai as Escrituras*. p. 15

¹²⁵ ZOUROS, ZOYPOΣ, Π. *Η Αρχαία Ελληνική Ιστορία*. π. 148

¹²⁶ PLUTARCO. *Alexandre, o Grande*. p. 79

como Alexandre passou a exigir.¹²⁷ Para os gregos, como pensadores livres, a obediência e a dedicação às ordens do seu rei, para partilhar com ele as suas esperanças, era outra coisa. Mas a prostração e a adoração de um humano era ofensa, e pertencia apenas aos deuses.¹²⁸

Alexandre morreu na Babilônia aos 33 anos, vítima de uma febre tropical. Ário interpretando a vida de Alexandre, afirmou: “Alexandre era diferente de todos os homens, foi dado ao mundo, por especial desígnio da Providência”.¹²⁹ O próprio Alexandre, em uma das cartas que mandou a Aristóteles, que o aconselhou um dia a tratar os gregos como homens livres e os orientais como escravos, respondeu-lhe: “Minha missão é divina e consiste em “unir” e “reconciliar” o mundo”.¹³⁰ No seu breve reinado, Alexandre lançou as bases de uma nova civilização, que durou muitos séculos depois da sua morte. Contribuiu grandemente para o bem da humanidade, e de um modo especial para o advento de Jesus.¹³¹

3.2.2 Sucessores de Alexandre e a Dispersão Helenística.

Ainda em vida, Alexandre predisse que seus amigos lhe fariam “cruento funeral”. Cumpriu-se a sua palavra, pois ele não deixou sucessor direto. Tinha um irmão, de outra mãe, mas era imbecil, e um filho que ainda não era nascido.¹³² E por isso uma pergunta estava suspensa na mente em todo o império novo e imenso; “Quem vai suceder o grande rei? Quem é o mais adequado”? Quando os oficiais lhe perguntaram a quem deixava o seu império, Alexandre respondeu: “Ao mais forte”.¹³³ A morte repentina de Alexandre trouxe grande confusão entre os seus oficiais, que se resolveu a divisão de seu império no meio dos seus quatro generais: Ptolomeu, Lisímaco, Cassandro e Seleuco. Esses são os “quatro chifres notáveis”, que substituem o “grande chifre”, como profetizado em Daniel 8:21-22.¹³⁴

A ambição dos generais do Alexandre, e dos seus sátrapas que governavam vários territórios do império, trouxe as “guerras civis” entre deles. Nessa disputa para a sucessão participou também a própria mãe de Alexandre, Olímpíada. Ela queria impelir ao trono da Macedônia o

¹²⁷ DURANT, W. História da Civilização. p. 253-254

¹²⁸ A tradução é do autor. Do livro de DOGAS, ΔΟΓΑΣ, Μ. Θησαυρος Μακεδονων. p. 352. Disponível em: <http://www.makedonia.e-e.gr/assets/thisavros_makedonon.pdf

¹²⁹ TOGNINI, E. O Período Interbíblico. p. 91

¹³⁰ TOGNINI, E. p. 91

¹³¹ TOGNINI, E. p. 91-92

¹³² TOGNINI, E. p. 93

¹³³ DURANT, W. História da Civilização. p. 257

¹³⁴ BAXTER, J. Examinai as Escrituras. p. 15-16

seu neto e filho de Alexandre nascido de Roxana, sua esposa persa. Mas Cassandro, em 316 a.C, a matou e colocou sob detenção em Anfípolis, o pequeno príncipe Alexandre, de seis anos de idade, e a sua mãe Roxana. E depois de cinco anos, Cassandro os matou em Anfípolis, porque não queria ser simplesmente um general, que deveria entregar o seu a uma criança. Assim, foi apagada a possibilidade de um descendente da linhagem real de Alexandre o Grande reivindicar o trono Macedônio.¹³⁵ Com tudo isso, foi cumprida a explicação de anjo em Daniel: “Mas, no auge, o seu reino será quebrado, e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tão pouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes (Dn 11.4)”.

No primeiro livro dos Macabeus o seu autor escreve: “Reinou Alexandre doze anos e morreu... “E, depois da morte de Alexandre, puseram todos a diadema, e depois deles, seus filhos durante muitos anos, e os males multiplicaram sobre a terra” (I Mac. 1-9).¹³⁶ Em meio a muitos anos de guerras e batalhas entre os *diadochos* (sucessores) de Alexandre, surgiram dois que foram mais poderosos que outros, cujos reinos duraram até a assunção do poder dos romanos; no Egito Ptolomeu, o chamado *Soter*, e na Síria Seleuco, o chamado *Nicator*. A situação geográfica dos dois países trouxe constantes lutas entre essas duas nações. Palestina, por todos, era considerada parte integrante da Síria, mas Ptolomeu I tomou para si a terra dos judeus. Assim sendo, nas guerras entre eles, Palestina sofria terríveis consequências.¹³⁷

Ptolomeu I era um dos generais mais próximos de Alexandre, dos mais eminentes com uma fama excepcional entre as tropas e em todo do império. Durant escreve sobre ele, que enquanto outros herdeiros do reino de Alexandre viviam em guerra e sonhavam com uma soberania absoluta, Ptolomeu tratou de consolidar a sua posição num país estrangeiro e incentivar a agricultura, o comércio e a indústria do Egito.¹³⁸ Nessa situação foram aproveitados os judeus da Palestina e da dispersão para emigrarem, por isso maior parte do povo, antes do período macabeano, dedicava-se à agricultura. Os judeus ainda, no século 1º

¹³⁵ ZOUROS, ΖΟΥΡΟΣ, Π. *Η Αρχαία Ελληνική Ιστορία*. p. 164, 170

¹³⁶ BIBLIA SAGRADA com os Deuterocanonicos. ΑΓΙΑ ΓΡΑΦΗ. Δευτεροκανονικά. π. 699

¹³⁷ TOGNINI, E. *O Período Interbíblico*. p. 94

¹³⁸ DURANT, W. *História da Civilização*. p. 303

a. C, não se tinham transformado em nação de comerciantes. Josefo escreveu sobre isso: “Não somos um povo comerciante”.¹³⁹ Nesse envolvimento dos judeus com os macedônios no Egito, e a liberdade de direitos políticos e econômicos, que desde Alexandre foram considerados iguais aos dos gregos, os hebreus estabeleceram as suas residências e negócios em Alexandria.¹⁴⁰

Ptolomeu I e o seu filho e sucessor, Ptolomeu II, Filadelfo governaram no Egito mais de sessenta anos. Ptolomeu I fundou por volta de 290 a.C, o Museu – a Casa das Musas – ou seja, das artes e ciências, como rival das universidades de Atenas, e a Biblioteca, que iriam dar fama a Alexandria.¹⁴¹ No Egito dos Ptolomeus, pela primeira vez, a tradução da Lei de Moisés, para uma versão grega, foi necessariamente feita. As comunidades judaicas haviam se entregado a essa nova cultura com entusiasmo.¹⁴² Como na época do Exílio Babilônio, quando o hebraico antigo dos livros sagrados foi traduzido para o aramaico do Império Persa, agora os textos sagrados foram traduzidos para o *Koiné* grego. O Pentateuco foi traduzido pela primeira vez em Alexandria por volta de 250 a. C, e o restante logo em seguida. Essas traduções eram o trabalho profissional de escribas acostumados a fazer transcrições de uma língua para outra, pois isso era parte da atividade normal das grandes bibliotecas da época.¹⁴³

Para os judeus do Egito, a tradução da Bíblia para o *Koiné* foi um acontecimento de um alcance tão inconcebível que entrou no domínio da lenda. Essa lenda, contada num livro apócrifo de Aristeu de Alexandria, narra a história da famosa tradução *Septuaginta*, segundo a obra de Keller,

Ptolomeu II, Filadelfo, mandou embaixadores ao Sumo Sacerdote para lhe pedir uma cópia do livro sagrado dos judeus. O Sumo Sacerdote atendeu ao pedido e mandou-lhe, além da cópia da Tora, 72 sábios e competentes escribas... Na ilha Faros, em frente de Alexandria, ao pé de uma das “sete maravilhas do Mundo”, eles trabalharam cada um por si em celas separadas. Quando os sábios concluíram o trabalho e as traduções foram

¹³⁹ DURANT, W. História da Civilização. p. 296

¹⁴⁰ DURANT, W. p. 313

¹⁴¹ DURANT, W. p. 303

¹⁴² KELLER, W. E a Bíblia tinha Razão. p. 275

¹⁴³ ROMER, J. Testamento. Os Livros Sagrados através da História. p. 101

comparadas, verificou-se que todas as setenta e duas concordavam palavra por palavra.¹⁴⁴

A tradução foi feita de judeus para os judeus, para uma língua como a grega, flexível e rica de palavras, significados e expressões. Assim, o que era dito no passado no santuário, apenas numa língua antiga, e para um único povo, tornou-se de repente acessível e compreensível para pessoas de outras línguas e raças.¹⁴⁵ Então, era a tradução da LXX – “a setenta ou Septuaginta”, que exerceu uma influência especial no cristianismo primitivo e no Novo Testamento, pois até o século IV d. C era a única versão do Antigo Testamento utilizada pela Igreja cristã.¹⁴⁶

Do lado oposto aos Ptolomeus, da Síria até Babilônia dominou Seleuco, dominado “Nicator” (Vitorioso), que entre os generais de Alexandre era destacado como homem de coragem, imaginação e inescrupulosa generosidade. Seleuco uniu sob seu cetro os velhos reinos e culturas de Elam, da Suméria, Pérsia, Babilônia, Assíria, Síria, Fenícia e, a intervalos, a Ásia Menor e a Palestina.¹⁴⁷ No início, a capital do reinado de Seleuco era a Babilônia. Depois que construiu a Antioquia, dado o nome do seu filho e sucessor Antíoco, transferiu-a para nova capital em 293 a.C, deixando o seu filho como governador na Babilônia. Antioquia, construída no rio Orontes, cresceu rapidamente por causa do seu ponto estratégico, e a sua população aproximava-se de 250.000 mil habitantes. Os seus primeiros moradores eram Atenienses, Macedônios, Cretenses e da ilha Chipre. A cidade manteve o seu desenvolvimento e a sua prosperidade por muitos séculos, rivalizava com a de Alexandria, não só na riqueza, mas na literatura e artes também.¹⁴⁸ Mais tarde, no primeiro século da era cristã, Antioquia se tornou o “refúgio” dos perseguidos *cristãos* – *helenistas* de Jerusalém, e a base missionária de Paulo.

A dependência de Judá do império dos Ptolomeus durou mais de cem anos. Após uma batalha vitoriosa sobre Ptolomeu V, nas nascentes do Jordão, em 195 a. C, Antíoco III,

¹⁴⁴ KELLER, W. E a Bíblia Tinha Razão. p. 277

¹⁴⁵ KELLER, W. p. 277

¹⁴⁶ ROMER, J. Testamento. Os Textos Sagrados através da História. p. 101-102

¹⁴⁷ DURANT, W, História da Civilização. p. 286

¹⁴⁸ ZOUROS, ΖΟΥΡΟΣ, Ε. Π. Η Αρχαία Ελληνική Ιστορία. π. 182

cognominado o Grande, tomou posse da Palestina, e Judá mudou de dono mais uma vez.¹⁴⁹ Quando ele morreu, subiu no trono o seu filho Antíoco IV, o chamado *Theos Epifanes* – Deus Manifestado. O seu reinado durou onze anos, de 175 – 164 a.C. Antíoco IV aproveitou uma disputa entre os “helenistas” judeus, que queriam uma liberdade grega de pensamento, maneiras e formas de religião, e o dos “nacionalistas”, judeus ortodoxos, fiéis na religião nacional, como provocação para intervir grosseiramente.¹⁵⁰ Saqueou e profanou o templo de Jerusalém em 168 a.C, proibiu as cerimônias do culto judaico, e as Escrituras Sagradas foram destruídas. Foi esta a primeira grande perseguição religiosa na história!¹⁵¹

Nessa grande turbulência do povo judeu no templo de Antíoco IV, a resistência e obediência de Daniel, a personagem mais renomada da época do exílio da Babilônia, são lembradas entre os judeus ortodoxos – piedosos. O livro de Daniel encontrou eco em todo o terror da época. Por volta de 167 a.C, um dos chasidins (provavelmente) decidiu reacender a coragem do povo, com a descrição dos sofrimentos e profecias de Daniel no reinado de Nabucodonosor.¹⁵² Cópias do livro circulavam secretamente entre dos judeus; foi considerado como obra de um profeta que viveu 370 anos antes, e suportou torturas maiores que as infligidas por Antíoco.¹⁵³ Talvez essas ações escritas no livro de Daniel, inspiraram o movimento macabeano, que começou com a revolta do sacerdote Matatia com os cinco seus filhos.

3.2.3 Domínio Romano (Província Macedônia)

Das consequências de muitos anos de guerras civis, combates e conflitos internos entre os sucessores de Alexandre, no oeste e na península da Itália apareceu um novo poder, Roma. Este se aproveitou dos combates dos Macedônios entre si, das revoluções das cidades gregas, e usado os pedidos das várias ligas das confederações para intervir aos conflitos internos, dominou por logo tempo sobre todos os reinos que procederam da divisão do império de Alexandre. No início da sua expansão no Mediterrâneo, os romanos conseguiram conquistar todos os povos da Península Itálica: volscos, eguos, etruscos, samnitas e os

¹⁴⁹ KELLER, W. E a Bíblia tinha Razão. p. 277

¹⁵⁰ BAXTER, S. J. Examinai as Escrituras. p. 18

¹⁵¹ KELLER, W. p. 279

¹⁵² DURANT, W. História da Civilização. p. 327

¹⁵³ DURANT, W. p.327

gregos no sul.¹⁵⁴ Fortalecendo a sua economia, Roma queria fazer concorrência com Cartago, colônia fenícia no norte da África, para participar do comércio marítimo que controlava Cartago. Com o estabelecimento dos romanos no sul da Itália, as relações, até amigáveis entre as duas cidades, foram modificadas e passaram à guerra.¹⁵⁵ Assim começaram as chamadas *Guerras Púnicas*, que duraram mais de um século. A personagem mais notável da época é Aníbal, filho de Amilcar, general cartaginês, que conseguiu chegar até às portas da Roma. Enfim Aníbal foi derrotado, e fugiu à Bitínia, onde se matou, tomando veneno.¹⁵⁶

Na Grécia, o rei macedônio, Felipe V, observado o crescente poderio de Roma, cometeu o histórico erro de aliar-se a Aníbal e Cartago. Com essa sua virtude, a Roma declarou guerra à Macedônia e começou a conquistar a Grécia.¹⁵⁷ Os romanos derrotaram os macedônios na Tessália em 197 a. C. Mais tarde, o filho e sucessor de Felipe V, Perseu, reiniciou novas lutas contra Roma. Foi derrotado por Lúcio Paulo Emilio, em Pídna da Macedônia em 168 a. C. Assim a Macedônia tornou-se província romana.¹⁵⁸ Os romanos conquistaram o resto da Grécia, na batalha de Corinto, em 146 a. C. Os gregos tentaram revoltar contra o domínio romano. O cônsul Lúcio Múmio os derrotou, destruiu e incendiou a cidade de Corinto. A Grécia tornou-se província romana em 129 a. C, com o nome Acaia.¹⁵⁹

O historiador Políbio, com uma pergunta que faz, demonstra o motivo por que os romanos dominaram o mundo helênico e todo Mediterrâneo: “Quem será tão indigno e indolente a ponto de não desejar compreender por que meios e sob sistema governamental conseguiram os romanos, em 53 anos, submeter todo o mundo habitado a um só governo?”¹⁶⁰ Durant, seguindo o pensamento de Políbio, diz que a causa essencial da conquista romana da Grécia, foi a desintegração interna da civilização grega. Nenhuma grande nação pode ser conquistada antes de ter-se destruído a si própria.¹⁶¹ O grande poder do governo republicano da Roma, no período das conquistas, era o *senado*, em contraste aos

¹⁵⁴ TARAJÓS, V. *História Geral*. p. 93

¹⁵⁵ TARALÓS, V. p. 93

¹⁵⁶ RONTRIGUES DE SOUZA, O. *História Geral*. p. 113

¹⁵⁷ DURANT, W. *História da Civilização*. p. 272

¹⁵⁸ RONTRIGUES DE SOUZA, O. p. 114

¹⁵⁹ RONTRIGUES DE SOUZA, O. p. 114

¹⁶⁰ DURANT, W. p. 393

¹⁶¹ DURANT, W. p. 393

macedônios, em que o rei tinha a hegemonia sobre tudo. O senado encarregava-se da administração, das finanças e da política externa.¹⁶² Assim controlava os reis, que tinham autoridade limitada. Mas, a influência grega fez-se sentir até mesmo em matéria política. O poder quase absoluto, por parte dos reis helenísticos, deixaria profunda marca no espírito romano, abrindo caminho, inclusive, para o estabelecimento do Império, mais tarde.¹⁶³

A estrutura da nova comunidade romana nos territórios conquistados era heterogênea e a maioria de suas características tinha precedentes helênicos. Roma ligou-se a outras cidades-estado por alianças políticas e militares que lhe davam a liderança e fundou as chamadas “colônias latinas” – autônomas, mas não soberanas.¹⁶⁴ Apenas uma pequena parte dos territórios anexados a Roma era habitada por colonizadores romanos. Em sua maior parte, eram os habitantes nativos que continuaram de posse das terras, tornando-se cidadãos romanos por meio de uma naturalização em conjunto.¹⁶⁵ Era uma tática estratégica de Roma, visando que seus domínios mantivessem a famosa *Pax Romana*. A tendência geral na comunidade romana, do século IV a.C ao século III d.C, era a de conceder cidadania romana a um número cada vez maior de aliados e vassalos de Roma, e a transferir os cidadãos da categoria inferior para o superior.¹⁶⁶

Nos anos de Augusto, a província de Macedônia era dividida em quatro distritos administrativos. No primeiro distrito a capital era Anfípolis; no segundo, a Tessalônica; no terceiro, Pela; e no quatro, a Pelagônia. Na sede de cada distrito, reuniam-se os representantes das cidades para eleger os chefes supremos, e lá também recolhiam os impostos.¹⁶⁷ Os Macedônios, cansados das guerras civis entre si, e das guerras entre os romanos *triunviratos*¹⁶⁸ que aconteceram no seu solo (a Macedônia ficou no epicentro dos conflitos romanos), receberam os governadores romanos como seus *benfeitores*, aceitando

¹⁶² VINELA SANTOS, J. M. História Antiga e Medieval. p. 74

¹⁶³ TARAJÓS, V. História Geral. p. 97

¹⁶⁴ TOYNBEE, J. A. Helenismo. História de Uma Civilização. p. 148

¹⁶⁵ TOYNBEE, J. A. p. 148-149

¹⁶⁶ TOYNBEE, J. A. p. 151

¹⁶⁷ TSALABOUNI, ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Α. Η Μακεδονία την Εποχή της Καινής Διαθήκης. π. 18

¹⁶⁸ Constituição de uma aliança secreta dos três mais poderosos cidadãos de Roma. Foram formados dois desses “triunviratos”, que, mais tarde, lutaram entre si quem dominará no império. 1º Triunvirato (Cesar, Pompeu, Crasso). 2º Triunvirato (Marco Antônio, Otavio, Lépido). RONTRIGUES DE SOUZA, O. História Geral. p. 116, 118

a Pax de Augusto, como uma gratidão justificativa.¹⁶⁹ Prestaram honras ao novo César, inaugurado um sistema cronológico com a iniciativa a 2 de Setembro de 31 a.C, o dia da vitória de Augusto no Ácio.¹⁷⁰

3.3 A Expansão do Evangelho

Jesus, pouco antes da sua ascensão da terra para o trono do Seu Pai, disse aos Seus discípulos: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra” (At 1.8). Jesus disse aos seus discípulos, que receberem poder – *dynamis*, através de Espírito Santo; uma força, uma *dinâmica* para testemunhar, começando no centro da “Sua Paixão”, em Jerusalém, com direção de uma “fuga”, de uma saída para chegar até os confins da terra. Jesus ordenou que não deveriam afastarem-se da cidade, mas esperar a promessa do Pai (At 1.4). A promessa do Espírito Santo, que os capacitaria e os fortalecia para anunciar e testemunhar o começo do Reino de Deus, primeiro em Jerusalém e para os que crucificaram e rejeitaram Jesus Cristo.

Enquanto que os profetas proclamam o regresso dos deportados judeus e dos gentios em Jerusalém, localizando o Templo onde “nasce” a luz (Is 60.1), o Evangelho de Lucas destaca a caminhada e subida de Jesus para a cidade de Davi (Lc 9.52, 19.27), e os Atos descrevem uma movimentação inversa, centrífuga, de Jerusalém para as nações.¹⁷¹ Não espera a “mãe” Igreja da Sião dos outros virem e “caírem nos seus pés”, mas é aquela que se estende pela primeira vez na história, para um mundo universal (na monarquia de Augusto).¹⁷² O mundo na nova era cristã, estava preparado para ouvir a mensagem redentora de Jesus. Ele mesmo declarou que “... como Bom Pastor, tenho outras ovelhas que não estão deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor” (Jo 10.16).

O evangelho era destinado a todos os povos. O mundo era maior que a Palestina. Toda a Grécia e toda a Roma, que dominava o mundo antigo, estavam nos planos de Deus, mundo

¹⁶⁹ TSALABOUNI, ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Α. *Η Μακεδονία στην Εποχή της Καινής Διαθήκης*. π. 19

¹⁷⁰ TSALABOUNI, ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Α. π. 19-20

¹⁷¹ DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Σ. *Η Ιεραποστολική Περιοδεία του Παύλου στον Ελλαδικό Χώρο*. π. 15

¹⁷² DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Σ. π. 15

de cultura e de poder, de orgias e de intenso viver, de variada e complexa população.¹⁷³ Daniel tinha predito, através das suas visões, que “é Ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; Ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos entendidos” (Dn 2.21). Para essa obra de anúncio da Sabedoria Divina, entre os “sábios” cósmicos, Deus não escolheu um dos doze seus discípulos para anunciar “as boas novas” do Reino de Deus, na cultura greco-romana e nas grandes cidades urbanas no império. Todos os discípulos de Jesus viviam nas pequenas zonas rurais da Galileia, longe das cidades cosmopolitas com as trocas de ideias filosóficas, e dos portos com o grande movimento comercial. Deus escolheu Paulo, “da linhagem de Israel, de tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus, circuncidado no oitavo dia, quanto à Lei fariseu” (Fp 3.5). Natural de Tarso,¹⁷⁴ cidade não insignificante da Cilícia (At 21.39), e cidadão romano de nascimento (At 22.28).

Como centro missionário, da grande cidade *Cosmopolita da Síria*, Antioquia, Paulo e os seus colaboradores saíram. O ponto inicial foi o solo da Judeia, para cumprir a promessa de Jesus. Na primeira viagem missionária na ilha de Chipre, terra natal de Barnabé, e nas cidades próximas da Pisídia e da Licaônia, Paulo estava na “sombra” de Barnabé. Paulo era o mensageiro da palavra, mas Barnabé era o líder, o respeitável, como os moradores em Listra os consideraram e os chamavam. Barnabé, como *Júpiter* (Zeus em grego), o líder dos deuses pagãos, e Paulo, como *Mercúrio* (Hermes), porque ele interpretava e fazia a hermenêutica da palavra (At 14.12).

A segunda viagem missionária de Paulo começa com a desavença e a separação do seu irmão Barnabé, o discípulo que, mais que os outros discípulos, o apoiou e o consolou nos seus primeiros passos na comunidade cristã. Mas essa excitação entre os dois, não só desorganizou a obra do testemunho da Palavra, mas também foi feito para o bem, pois provocou a emancipação de Paulo e contribuiu para a evangelização do ocidente.¹⁷⁵ Tanto o sentimento da excitação, mesmo com motivo mínimo, quanto o sentimento do medo que ele vai sentir mais adiante em Corinto (1Co 2.3), demonstram o lado humano de Paulo.

¹⁷³ BARBOSA SANTOS, A. C. *Paulo. O Homem de Tarso*. p. 26

¹⁷⁴ Tarso, segundo *Estrabão o geógrafo* que a visitou, no primeiro século tinha um crescimento imenso para a filosofia, e para a educação e os estudos clássicos, que os moradores da cidade ultrapassaram sobre isso, as cidades notáveis, Atenas e Alexandria e escolas filosóficas em outras cidades. PAPANIGOUPOULOS, K. ΠΑΠΑΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, Κ. *Τα διδακτικότερα Πορίσματα, της Ιστορίας του Ελληνικού Έθνους*. π. 40-41

¹⁷⁵ DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Σ. *Η Ιεραποστολική Περιοδεία του Παύλου στην Ελλάδα*. π. 17

Desta forma, Lucas apresenta que o “herói” exclusivo da segunda parte de Atos, Paulo, não é nem “super-homem divino”, nem é identificado com aquele sábio apático, impassível dos filósofos estoicos, mas é absolutamente “ser humano”.¹⁷⁶

A culminância da segunda viagem de Paulo, sem dúvida, é a chegada às margens do mar Egeu, no Mediterrâneo. Depois de uma longa peregrinação no interior da Ásia Menor, atravessando as planícies aluvianas da Galácia central, rodeadas por cadeias de montanhas que atingem dois mil metros, e atravessado a Frígia, chegou ao litoral, à cidade portuária Trôade. O trajeto de Antioquia da Síria até Trôade, percorrido por Paulo e os seus colaboradores, soma quase dois mil quilômetros.¹⁷⁷ É impressionante que o autor de Atos não dispõe de dados precisos sobre a missão de Paulo nessas regiões. Nem um relato mais detalhado desse longo trecho da viagem faz parte desta rota absurda. Parece que toda a etapa, é uma marcha apressada que leva os três missionários até as margens do Egeu, diante da Macedônia.¹⁷⁸ Nesse trajeto “silencioso”, a respeito das atividades de Paulo, duas vezes foram impedidos pelo Espírito Santo, de pregar a Palavra naqueles lugares. Talvez, como Fabris diz, “que o aceno enigmático de Espírito Santo, através dos seus impedimentos, são situações ou circunstâncias interpretadas no grupo missionário paulino como sinal da vontade de Deus”.¹⁷⁹

O plano divino era outro. O autor de Atos resume toda essa rota longa, com uma frase curta: “E tendo contornado Mísia, desceram a Trôade (At 16.8)”. Para esta cidade portuária, com posição geoestratégica muito importante, os dirigiu o Espírito Santo. Nesse local chegara um dia, em 334 a.C, um jovem de 22 anos, cheio de sonhos e glória – Alexandre o Grande. Chegado nessa costa lendária, Alexandre, com a sua armadura completa, era o primeiro dos Macedônios que cravou a sua lança na terra, e desembarcou com a declaração: “Aceito de deuses a Ásia que ninguém a conquistou”. Ofereceu sacrifícios aos deuses, com a súplica de que os povos da Ásia o aceitem voluntariamente como seu rei.¹⁸⁰ Levava ao Oriente os tesouros do Ocidente; a língua da Grécia, as artes a ciência e a filosofia de Atenas. Agora, iria

¹⁷⁶ DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Σ. π. 17-18

¹⁷⁷ FABRIS, R. *Paulo. Apóstolo dos Gentios*. p. 293-294

¹⁷⁸ FABRIS, R. p. 293

¹⁷⁹ FABRIS, R. p. 282-283

¹⁸⁰ HAMMOND, L. G. N. *Alexandre o Grande. Um Genial*. p. 116

o Oriente levar ao Ocidente a maior das jóias: o Evangelho da verdade e da vida.¹⁸¹ Paulo, quase 380 anos depois, no mesmo lugar estava disposto a “invadir” a Macedônia, apenas cingido com a “Armadura” de Deus; lançar e cravar a “Espada” do Espírito aos corações dos Macedônios, e aceitassem Jesus Cristo como Rei dos reis.¹⁸²

Desse porto importante de muito movimento, partem as embarcações para Macedônia, Atenas, Corinto, Itália. Com os seus pensamentos confundidos, Paulo talvez estivesse na dúvida sobre qual rota vai seguir. Pode ser que o grupo, na expectativa de alguma nova oportunidade, tenha anunciado o Evangelho aos habitantes de Trôade.¹⁸³ Nessa perspectiva, Deus falou em Paulo através de uma visão: “Um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos” (At 16.9). Ronhen explica essa frase, com o “angustioso brado de socorro que o intelectualismo europeu dirige ao misticismo asiático; a ciência estende as mãos à fé, para que a aurora do Evangelho ilumine os caliginosos abismos da filosofia”.¹⁸⁴ Barbosa, citando o pensamento de John Gill, escreve que, essa “ajuda” que roga o Macedônio, significa “mediante a oração e a pregação da Palavra, para derrubar o reino de Satanás, destruir a superstição e a idolatria, iluminando os olhos dos homens fazendo-os voltar das trevas para a luz, e salvando-os da completa ruína e destruição”.¹⁸⁵

O nobre macedônio¹⁸⁶ estava em pé, *παρακαλων – solicitado*¹⁸⁷ aos servos de Deus para que passassem para a Macedônia para “ajudá-los”.¹⁸⁸ O macedônio não explica sua solicitação sobre que tipo de ajuda é pedida. Mas pela primeira vez no livro de Atos, uma visão ou sonho segue a sua interpretação, e a reação todo do grupo de Paulo foi imediata.¹⁸⁹ Todos

¹⁸¹ ROHDEN, H. Paulo de Tarso. p. 100

¹⁸² ROHDEN, H. p. 101

¹⁸³ FABRIS, R. Paulo. Apóstolo dos Gentios. p.295-296

¹⁸⁴ RONHEN, H. p. 100

¹⁸⁵ BARBOSA SANTOS, A. C. Paulo. O Homem de Tarso. p. 197

¹⁸⁶ Despotis identifica o Macedônio na visão de Paulo, como o anjo de definido povo (Dt 32 8, segundo a LXX, Dn 10.21, 12.1). *DESPOTIS, S. ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Η Ιεραποστολική Περιοδεία του Παύλου στον Ελλαδικό Χωρο*. π. 43

¹⁸⁷ Enquanto que o participio *παρακαλειν* em Atos tem o sentido da consolação através de evangelismo (At 15. 31-32; Barnabé = filho de exortação At. 4.36), em dois apenas casos significa o caloroso convite/solicitação, por causa do motivo urgentíssimo. Um desses casos é o convite do Macedônio, e o outro no caso da morte de Tabita de Jope, onde dois homens *Παρακαλουντες – solicitam com súplica calorosa*, Pedro seguir eles na casa de Tabita. *DESPOTIS, S. ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. π. 44- 45*

¹⁸⁸ O termo *βοηθησον ημιν* – ajuda-nos, vem do verbo *βοηθώ* (βοή - clamor+θοος < θεω=τρέχω – correr, sintético da frase, corre ou apressa no meu clamor para me ajudar. *DESPOTIS, S. ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. π. 45*

¹⁸⁹ *DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ.Σ. π. 47*

perceberam que deveria passar para a Macedônia “... concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 10.10). Paulo, centralizado sempre no seu pensamento, como ganhar mais almas para Cristo, não hesitou em passar e pregar ao “coração” do espírito *helênico* da Grécia continental, sem crise nenhuma sobre dos conceitos e das ideias filosóficas, e dos preconceitos judaicos de aproximar os gentios por causa da sua idolatria. O próprio Paulo declarou: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1Co 9.19).

Paulo e os seus companheiros desembarcaram-se na província da Macedônia no porto de Neápolis, mais ou menos no início do outono de 49 d.C.¹⁹⁰ “Assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para Macedônia” (At 16.10). De Neápolis seguia a famosa estrada *Via Egnácia*,¹⁹¹ onde atravessava toda da Macedônia, passando nas principais cidades da província: Filipos (colônia romana e uma *miniatura* da Roma), Anfípolis (capital do primeiro distrito da Macedônia), Tessalônica (cidade portuária, metrópole e sede do procônsul romano da província), e Bereia (centro intelectual, artístico e sede do *Koinon dos Macedônios*).¹⁹² A Tsalampouni demonstrou, através de descobertas arqueológicas na região da Macedônia, que os macedônios na época da visita de Paulo no seu solo, são reconhecidos pela sua grande fé e intensidade de busca religiosa, de qual é expressa através de quantidade de formas de adoração, nas cidades macedônicas.¹⁹³

A passagem de Paulo na Macedônia foi curta, por causa das perseguições dos judeus, e assim partiu para o sul da Grécia, na província de Acaia. Dos poucos meses, cerca de dois ou

¹⁹⁰ Paulo chegou à Macedônia outono de 49 d.C. A sua ação evangelística em Filipos e Tessalônica durou cerca de dois meses, passou poucos dias em Bereia, em seguinte permaneceu poucos dias em Atenas e chegou na cidade de Corinto o início de 50 d. C. A datação é dada segundo o expulso dos judeus de Roma no nono ano do imperial de Claudio. *DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ Η Ιεραποστολικη Περιοδεια του Παυλου στον Ελλαδικο Χωρο. π. 14*

¹⁹¹ A “Via Egnacia”, *Egnatia Hodós*, foi construída entre os anos 146 a.C até 118 a.C, inicialmente, para as necessidades, militares dos romanos. Mas em paralelo foi usada para o tráfico comercial e das passagens dos viajantes, do Ocidente para o Oriente, onde ajudou a penetração pacífica de ideias e convicções. A Via Egnacia era a estrada contínua da “Via Appia”, que começava em Roma e chegava até pouco fora de “Bizâncio”, mais tarde a nova capital do império romano, Constantinopla. O seu comprimento era cerca de 800 quilômetros. A tradução é do autor. DISPONIVEL em: <http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατια Οδός>,

¹⁹² Os anos dos imperadores romanos, a Bereia tornou-se a sede do chamado *Κοινόν των Μακεδόνων* (comum ou conjunto dos Macedônios), qual era competente para a adoração do imperador, executado jogos desportivos e musicais. Cada ano estavam reunidos na cidade, representantes das outras cidades da Macedônia para participar nesse evento que estabeleceu o imperador. A tradução é do autor. *TSALABOUNI, ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Α. Η Μακεδονία στην Εποχή της Καινής Διαθήκης. π. 44-45*

¹⁹³ *TSALABOUNI, ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Α. π. 260*

três em que estava lá, Paulo deixou a sua marca, e o evangelho de salvação cresceu tanto que o próprio Paulo escreveu para aos Tessalonicenses: “Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor, não só na Macedônia e Acaia, mas por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma” (1Ts 1.8). A posição geográfica da Macedônia, no cruzamento de Ocidente para o Oriente e do sul para o norte, deu a oportunidade às pequenas comunidades, nascidas no berço do cristianismo, desenvolver e levar o evangelho de Jesus em cada parte do império romano, e chegar até os confins da terra.¹⁹⁴

¹⁹⁴ Em relação dos confins da terra, não são identificados com a Roma, mas com a Espanha, e mesmo com a Gadeira no oeste do ponto estreito de Gibraltar, segundo de geógrafo Estrabão (3 1.8). *DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Η Ιεραποστολική Περιοδεία του Παύλου στον Ελλαδικό Χώρο. π. 16*

CONCLUSÃO

O livro de Daniel, embora seja o livro mais criticado pelos estudiosos do início da era cristã, no entanto, sobreviveu a todos os ataques e está no Cânon da Bíblia. Daniel era considerado profeta, e aos tempos dos macabeus, o mais destacado personagem que influencia os judeus, na perseguição feita de Antíoco Epifanes. No tempo do Novo Testamento, o próprio Senhor Jesus Cristo, reconheceu Daniel como profeta, mencionando uma profecia das suas visões (Mt 24.15). As profecias dele não apontavam apenas a vinda de Messias, mas vão, além disso, até a consumação final e a segunda vinda de Jesus Cristo glorificado.

Assim, o período intertestamentário está ligado com os dois testamentos, sendo o “elo” que vincula o tempo profético, o tempo da preparação, para a chegada do Messias e o cumprimento das profecias. Embora o período de cerca de quatrocentos anos seja de silêncio de voz profética, Deus nunca parou de agir e teve o controle da história. E pouco antes da vinda do seu Filho Jesus Cristo, quando o mundo estava preparado, levantou o último arauto para anunciar a chegada do Salvador, o “maior” dos profetas do Antigo Testamento, João Batista, que se tornou o profeta que viu e revelou o Cordeiro, o Filho de Deus. Os capítulos dois e três desta monografia foram bem específicos quanto a esta questão.

Paulo, servo escolhido de Jesus Cristo, não conquistou os gentios com palavras consistidas em linguagem persuasiva de sabedoria humana, mas com o poder, a *dynamis* do Espírito Santo. Educado num dos maiores centros do paganismo helênico-romano, experimentou na sua mocidade a ação funesta do gentilismo e as aspirações superiores do espírito humano. O gentio pagão, decepcionado e impotente para se levantar da sua queda moral, reconhecia a sua situação pecaminosa, e mantinha uma esperança para a sua redenção. Paulo encantou o mundo helênico, não com as armas intelectuais e a arte da fala, mas falando do poder da cruz de Jesus Cristo, o “Cristo crucificado”; “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação” (1Co 1.21).

Não parece ser muito valorizado entre os estudiosos o período helenístico. Mas a expansão da sua cultura contribuiu de maneira fundamental para que a mensagem do Evangelho fosse

pregada no fim do primeiro século, das fronteiras da Índia, no leste, até a Espanha, no oeste. Neste primeiro passo do berço do cristianismo, o número dos convertidos à nova fé é desconhecido. O que é um fato é que, no início do século 4º d.C., o imperador romano Constantino tomou a decisão de proteger os cristãos. Até ali, o crescimento deles, ao menos no Oriente, era muito grande em contraste com seus adversários. A Palavra de Deus foi anunciada através dos apóstolos em primeiro lugar na Palestina, e através dos helenistas judeus, na Síria. Mas ao mesmo tempo tomou caráter ecumênico, do momento que o “menor” dos apóstolos, Paulo pregou que “dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). O capítulo três deste trabalho retratou este ambiente.

Há ainda muitos passos de pesquisa de lado dos estudiosos, para meditar e apreciar as fontes dispostas do período helenístico, que colocou os alicerces da civilização ocidental. O desenvolvimento das ciências, das artes, da literatura, foi atingido com um veículo precioso, instrumento e presente de Deus: a língua. E nesse caso, considerando a expansão do cristianismo, a língua grega, flexível e rica de palavras e conceitos, ofereceu aquelas expressões em que foi possível que a Palavra de Deus fosse compreensível, através do Espírito Santo, em todo mundo conhecido da época.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, A. O Livro De Daniel. Rio De Janeiro: Editora dois Irmãos LTDA, 1954. 108 p.
- APOSTOLIKH, ΑΠΟΣΤΟΛΙΚΗ ΔΙΑΚΟΝΙΑ. Νεοπαγανισμός. Η Απειλή απο το Παρελθον. Αθηνά: Αποστολική Διακονία, 2003. 46 p.
- BALDWIN, Joyce G. Daniel introdução e comentário. Trad. ÊnioR. Mueller. São Paulo: Vida Nova, 1983. 223 p.
- BARBOSA, Celso Aloísio Santos. Paulo. O Homem de Tarso. Rio de Janeiro: JUERP, 2006. 303 p.
- BAXTER, J. Sidlow. Examinai as Escrituras. Período Interbíblico e os Evangelhos. Trad. Neyd. Siqueira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985. 336 p.
- BIBLIA VIDA NOVA. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 1976. 367 p.
- BIBLIA SAGRADA, ΑΓΙΑ ΓΡΑΦΗ. Δευτεροκανονικά. Μεταφραση απο τα πρωτοτυπα κειμενα. Αθηνά, 1997. 423 π.
- BOYER, Orlando. Daniel. Fala Hoje. Rio De Janeiro: Editora Emprevam, 1972. 141 p.
- BRUCE, F. F. Paulo o Apostolo da Graça. Sua Vida, Cartas e Teologia. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003. 463 p.
- CARSON, A. D. Comentário Bíblico. Vida Nova. Trad. Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2009. 2176 p.
- CHAMPLIN, N. Russel. O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. Vol.5. São Paulo: Hagnos, 2001. 3714 p.
- CLAUDIONOR, Corrêa de Andrade. Paulo em Atenas. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. 159 p.
- COTHENET, Edouard. Paulo. Apóstolo e Escritor. Trad. Mariana N. Ribeiro Echalar. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. 182 p.
- DE BOOR, Werner. Atos dos Apóstolos Comentário Esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002.
- DESPOITIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. Σωτηριος. Η Ιεραποστολικη Περιοδεια του Παυλου στον Ελλαδικο Χωρο. Αθηνά: Ουρανος, 2011. 367 π.

- DEVER, Mark. A Mensagem do Antigo Testamento. Uma exposição Teológica e Homilética. Trad. Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. 956 p.
- FABRIS, Rinaldo. Apostolo dos Gentios. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001. 799 p.
- HAMMOND, N. Gerard. Μεγας Αλεξανδρος. Ενας Ιδιοφυης. *The Genius of Alexander Great*. Μεταφραση. Πανος Θεοδωριδης. Θεσσαλονικη: Μαλλιαρης Παιδεια, 2015. 383 π.
- GILBERTO, Antônio. Daniel e Apocalipse. 17.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1984. 183 p.
- GONZALEZ-RUIZ, José Maria. O Evangelho de Paulo. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1980. 294 p.
- JAEGER, Werner. Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega. Trad. Terésa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 127 p.
- KELLER, Werner. E a Bíblia Tinha Razão. Trad. João Távora. São Paulo: Melhoramentos, 1974. 383 p.
- LASOR, S. W., HUBBARD, A.D., BUSH, W. F. Introdução ao Antigo Testamento. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova,
- LIETH, Norbert. As Profecias de Daniel. Trad. Ênio Sipp, Traudi Federolf. Porto Alegre: Actual, 2004. 240 p.
- LITZ, Osvaldo. A Estatua e a Pedra. Rio de Janeiro: Juerp, 1985. 154 p
- LOPES, Luciano. Figuras Históricas do Mundo Antigo. Rio de Janeiro: Livraria Jacintho, 1936. 383 p. 2009. 860 p..
- LOPES, D. H. Daniel. Um Homem Amado do Céu. São Paulo: Hagnos, 2005. 158 p.
- LOUW, P. Johanés, NIDA, A. Eugene. Léxico Grégo-Português do Novo Testamento. Trad. Wilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.
- MOORE, Beth. Daniel. Vidas de Integridade, Palavras de Profecia. Trad. Bethania Fonseca. São Paulo: LifeWay Brasil, 2009. 224 p.
- OLYOTT, Stuart. Ouse ser Firme. O Livro de Daniel. História e Profecias. São José Campos, SP: Editora Fiel, 1996. 190 p.
- PAPARIGOPOΥΛΟΣ, ΠΑΠΑΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, ΚΩΝΣΤΑΝΤΙΝΟΣ. Τα Διδακτικωτερα Πορισματα της Ιστοριας του Ελληνικου Εθνους. Τομ. Α. Αθηνά: Ερμειας, 2003. 363 π.
- PAUL. André. O que é Intertestamento. Trad. Benoni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. 93 p.

PEDRO DA SILVA, Severino. Daniel. Versículo por Versículo. Rio de Janeiro: C.P.A.D, 1986. 239 p.

PFEIFER, F. C. Comentário Bíblico. Moody Vol.1 Genesis à Malaquias. Trad. Yolanda M. Kriévin. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2010. 1284 p.

PLUTARCO. Alexandre o Grande. Tradução de Hélio Veiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 164 p.

Revista das Religiões. Profetas. Coleção Grandes Heróis Bíblicos. São Paulo: Editora Abril, 95 p.

RODRIGUES, Osvaldo de Souza, O. História Geral. São Paulo: Ática, 1977. 357 p.

ROHDEN, Huberto. Paulo de Tarso. O maior Bandeirante do Evangelho. São Paulo: Unlao Cultural Editora LTDA. 270 p.

ROLLOF, Jürgen. A Igreja do Novo Testamento. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 384 p.

ROMER, John. Testamento. Os Textos Sagrados Através da História. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Melhoramentos, 1991. 295 p.

RUSSEL, S. David. Entre o Antigo e o Novo Testamento. O Período Interbíblico. Trad. Eliseu Pereira. São Paulo: Press Abba, 2005. 176 p.

SAMPLEY, J Paul. (org). Paulo no Mundo Grego-Romano. Um Compêndio. Trad. Pe. José Raimundo Vidigal, C.Ss.R. São Paulo: Paulus, 2008. 606 p.

SCHREINER, Josef. Palavra e Mensagem do Antigo Testamento. Trad. Bendai Lemos. São Paulo: Teológica, 2004. 559 p.

SELIO, José de Andrade. Os Profetas Maiores (II). Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 336 p.

SEVERINO, P. S. Daniel. Versículo por Versículo.

STAGG, Frank. O Livro de Atos. Trad. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1958. 397 p.

SWINDOLL, R Charles. Paulo. Um Homem de Coragem e de Graça. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2003. 355 p.

TARAJÓS Vicente. História Geral. Segundo Grau. São Paulo: LISA – Livros Irradiantes S.A. 306 p.

TOGNINI, Enéas. O Período Interbíblico. São Paulo: Palavra da Cruz. 1968.

TOYNBEE, J. Arnold. Helenismo. História de Uma Civilização. Trad. Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975. 232 p.

TSALABOUNI, ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Αικατερινη. Η Μακεδονία την Εποχή της Καινης Διαθηκης. Θεσσαλονικη: Πουρναρα, 2002. 303 π.

VILELA SANTOS, Januáira. Maria. História Antiga e Medieval. São Paulo: Ática, 1982. 176 p.

ΖΟΥΡΟΣ, Παναγιωτης. Η Αρχαία Ελληνική Ιστορία. Θεσσαλονικη: Ζουρος, 2004. 296 π.

WALLACE, S Ronald. A Mensagem de Daniel. Trad. Gordon Chown, São Paulo: A.B.U.B, 1985. 216 p.

WIERSBE, W. Warren. Comentário Bíblico Expositivo. Antigo Testamento. Vol.IV – Proféticos. Trad. Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica, 2012. 605 p.

WILL, Durant. História da Civilização. 2 Parte – Nova Herança Clássica – A Vida na Grécia. Tomo 2. Trad. Gulnara de Moraes Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 436 p.

WILL, Durant. História da Civilização. 3ª Parte. Cesar e Cristo. Tomo 2º. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. 387 p.

ARTIGOS DA INTERNET

<http://www.makedonia.e-e-e.gr/assets/thisavros_makedonon.pdf, Dogas, Δογας Μηνας, acesso em 15 de Abril 2015

<<http://www.enromiosini.gr/arthrografia/η-προφητεια-του-δανιηλ-για-τον-μ-αλεξανδρο>. A profecia de Daniel sobre Alexandre o Grande, acesso em 24 de Maio 2015

<<http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατια%20Οδος>, acesso em 29 de Julho 2015